

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

**Saúde mental como rizoma: tramas de vida de estudantes pós-graduandas/os
na universidade federal de viçosa**

Karina de Oliveira Fialho
Magister Scientiae

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2026**

KARINA DE OLIVEIRA FIALHO

**Saúde mental como rizoma: tramas de vida de estudantes pós-graduandas/os
na universidade federal de viçosa**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Eduardo Simonini Lopes

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

F438s
2026

Fialho, Karina de Oliveira, 1996-

Saúde mental como rizoma: tramas de vidas de estudantes
de pós-graduandas/os na Universidade Federal de Viçosa /
Karina de Oliveira Fialho. – Viçosa, MG, 2026.

1 dissertação eletrônica (94 f.)

Inclui anexos.

Orientador: Eduardo Simonini Lopes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Educação, 2026.

Referências bibliográficas: f. 82-89.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2026.520>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Universidade Federal de Viçosa - Estudantes de
pós-graduação - Saúde mental - Aspectos sociais. I. Lopes,
Eduardo Simonini, 1971-. II. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em
Educação. III. Título.

CDD 22. ed. 378.8151

KARINA DE OLIVEIRA FIALHO

**Saúde mental como rizoma: tramas de vida de estudantes pós-graduandas/os
na universidade federal de viçosa**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 17 de agosto de 2026.

Assentimento:

Karina de Oliveira Fialho
Autora

Eduardo Simonini Lopes
Orientador

Essa dissertação foi assinada digitalmente pela autora em 07/09/2026 às 12:33:41 e pelo orientador em 07/09/2026 às 19:26:08. As assinaturas têm validade legal, conforme o disposto na Medida Provisória 2.200-2/2001 e na Resolução nº 37/2012 do CONARQ. Para conferir a autenticidade, acesse <https://siadoc.ufv.br/validar-documento>. No campo 'Código de registro', informe o código **L2W5.K663.HDNM** e clique no botão 'Validar documento'.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio das seguintes agências de pesquisa brasileiras: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ao meu orientador, Eduardo Simonini Lopes, pelo acolhimento, pelo suporte e cuidado ao partilhar seus conhecimentos, além da confiança depositada em mim, algo que fez diferença não apenas em minha trajetória acadêmica, mas também em meu percurso de vida.

À professora Luciana Oliveira e ao professor Arthur Meucci, que tão gentilmente aceitaram o meu convite para compor a banca de análise deste trabalho.

Aos meus ancestrais, que ao tecerem suas histórias contribuíram para a construção da minha própria história e desta pesquisa.

Aos meus pais, António de Paulo Fialho (in memoriam), Márcia de Oliveira Leocadia e à minha irmãzinha Kamilli de Oliveira Fialho (in memoriam), que me ensinaram sobre a vida e o amor, tornando possível a minha caminhada até este momento.

À minha tia Cremilda Oliveira, ao meu tio Carlos Silva e ao meu primo Carlos Daniel, que me proporcionaram momentos que foram de suma importância nesse percurso.

Ao Robson, pela paciência, cuidado e momentos afetuosos que me fortaleceram ao longo da elaboração desta dissertação.

Aos meus colegas de orientação, Thais, Lilian, Magali e Miguel que me ofereceram momentos de leveza em meio aos desabamentos.

Às minhas amigas, Manu, Isa, Anna, Mika, Larissa, Bia, Débora, que me proporcionaram um suporte essencial, repleto de acolhimento nessa trajetória.

A todos e todas as estudantes que aceitaram o convite para a construção desta dissertação. Sem suas histórias, esta pesquisa não teria sido

possível.

À Universidade Federal de Viçosa – UFV.

RESUMO

FIALHO, Karina de Oliveira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2026. **Saúde mental como rizoma: tramas de vida de estudantes pós-graduandas/os na universidade federal de viçosa.** Orientador: Eduardo Simonini Lopes.

A presente pesquisa pretendeu acompanhar como as composições relacionais no cotidiano dos/as estudantes do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Viçosa (UFV) podem potencialmente afetar sua saúde mental. Considerando o intuito de captar as intensidades de saúde e doença compostas nos movimentos inventados pelos/as discentes, adotou-se a cartografia como uma intenção metodológica, por se tratar de uma ferramenta que se propõe a mapear redes relacionais e os mundos emergentes dessas redes. Para seguir as geografias das intensidades e afetações desses/as, optou-se pelas narrativas produzidas a partir de quatro entrevistas não estruturadas, da modalidade não dirigida. Ao acompanhar as tramas de vidas dos/as participantes, encontrou-se a composição da saúde mental enquanto rede rizomática, constituída por múltiplas dimensões institucionais, relacionais, temporais, afetivas, geográficas e existenciais. Evidenciou-se que a saúde mental dos/as estudantes se tece nos agenciamentos, nas conexões, nos encontros e desencontros. As narrativas revelaram que não há um único movimento em curso, mas movimentos simultâneos. Enquanto um território se desmancha, concomitantemente outros começam a emergir. Enfim, a principal pista encontrada nessa jornada, foi a compreensão de que a saúde mental na pós-graduação não deve ser reduzida a um estado fixo, a uma característica individual e, muito menos, ao adoecimento mental. Trata-se de um processo que se produz tanto nas redes que sustentam a vida quanto nos momentos em que essas começam a se fragilizar; por isso, ela possui esse caráter relacional e rizomático.

Palavras-chave: saúde mental; pós-graduação; cartografia; rizoma

ABSTRACT

FIALHO, Karina de Oliveira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, August, 2026.
Mental health as a rhizome: life webs of postgraduate students at the federal university of viçosa. Adviser: Eduardo Simonini Lopes.

This research aimed to trace how relational compositions in the daily lives of graduate students in the Graduate Program in Business Administration at the Federal University of Viçosa (UFV) can potentially affect their mental health. Considering the purpose of capturing the intensities of health and illness composed within the movements invented by the students, cartography was adopted as a methodological intention, as it is a tool that proposes to map relational networks and the worlds emerging from them. To follow the geographies of these students' intensities and affectations, we chose narratives produced from four unstructured, non-directive interviews. By tracing the lifeworlds of the participants, mental health was found to be composed as a rhizomatic network, constituted by multiple institutional, relational, temporal, affective, geographic, and existential dimensions. It became evident that student mental health is woven within assemblages, connections, encounters, and misencounters. The narratives revealed that there is no single movement underway, but rather simultaneous movements. While one territory dismantles, others concomitantly begin to emerge. Ultimately, the main clue uncovered in this journey was the understanding that mental health in graduate education should not be reduced to a fixed state, an individual trait, or, least of all, to mental illness. It is a process produced both within the networks that sustain life and in the moments when these networks begin to weaken; for this reason, it possesses an inherently relational and rhizomatic character.

Keywords: mental health; graduate education; cartography; rhizome

SUMÁRIO

1. PASSO I — CAMINHOS, CONTEXTOS E TRAVESSIAS DA PESQUISA.....	8
1.1 Um passo atrás.....	8
2. METODOLOGIA.....	11
2.1 Caminhos metodológicos.....	11
2.2 Trajetórias e encontros da pesquisa.....	16
2.3 O território da pesquisa: o Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Viçosa (UFV).....	19
3. PASSO II — TECENDO SENTIDOS SOBRE SAÚDE MENTAL.....	22
3.1 Saúde Mental: um panorama contextualizado.....	22
3.2 Saúde mental no contexto acadêmico.....	28
4. PASSO III — LINHAS, FLUXOS E MOVIMENTOS RIZOMÁTICOS.....	34
4.1 A Caixa de Pandora.....	34
4.1.1 O Que Escapa da Caixa: saúde mental em linhas rizomáticas.....	39
4.1.2 Linhas de Esgotamento... e Linhas de Vida.....	42
5. LINHAS EM TRAVESSIA: ENTRE TERRAS, TEMPOS, AFETOS E PERTENCIMENTOS.....	48
6. LINHAS EM MOVIMENTO: RITMOS E DESCOMPASSOS DO VIVER.....	57
6.1 Entre tempos: capturas, ritmos e invenções do cotidiano.....	59
7. LINHAS DE TENSÃO: CONFLITOS, PERTENCIMENTOS E MODOS DE EXISTIR.....	64
7.1 Entre conflitos e acolhimentos: tessituras do viver.....	70
8. PISTAS PARA NOVAS TRAVESSIAS.....	76
8.1 O movimento das linhas e suas ramificações.....	77
8.2 Pistas em construção.....	80
REFERÊNCIAS.....	82
ANEXO A: QUESTIONÁRIO.....	90

1. PASSO I — CAMINHOS, CONTEXTOS E TRAVESSIAS DA PESQUISA

1.1 Um passo atrás

Começo esse texto falando de mim, pois toda pesquisa sempre revela algo de quem a conduz. Essa caminhada se iniciou há alguns anos, quando fui atravessada por uma tal de angústia. Sempre estive envolvida por situações, pessoas e tramas que se entrelaçavam à angústia de tal forma que era difícil compreender os contornos de cada coisa. Desde quando me entendo por “gente”, aprendi que vida e angústia se tocavam de um modo inseparável, sobretudo, por conviver com uma mãe atravessada pelo desejo de morte, e, nessa convivência, a vida foi se misturando com esse desejo, como se viver também fosse uma forma de lidar com o morrer. Com o tempo, fui captando que esse entrelaçamento de vida-morte não era apenas dela, mas era uma herança familiar, uma repetição que ocorria de geração em geração. Já não consigo mais precisar quantas vezes ou quantos familiares foram engolidos por essa tal de angústia a ponto de perecerem.

A vida foi se tecendo à morte de tal forma que não pude escapar de seus atravessamentos. Por diversos momentos senti que ela iria me engolir, o que conduziu a alguns processos de adoecimento mental. A vida, mascarada de morte, foi me puxando de tal forma que despertou em mim uma inquietação: o que era essa angústia? Por que somente alguns pareciam ser escolhidos por ela? E por que ela tentava me dominar tantas vezes? Esses questionamentos eram produzidos a partir dos meus afetos; e foi nesse território dos afetos que emergiu em mim um fascínio pelos profissionais que se dispunham a ouvir pessoas e auxiliá-las em suas tramas; a construírem novos modos de existência. Foi durante o ensino médio que tive o meu primeiro contato com essa possibilidade de atuação. Naquele momento, descobri que existia uma área investida na complexidade do ser humano e, claro, na compreensão da angústia. Foi assim que, no ano de 2014, me vi cursando a graduação de Psicologia e, desde então, me vi atravessada pelas pessoas e suas construções de mundos, o que me convoca a pensar a vida como uma trama tecida por múltiplas camadas.

Confesso que a temática saúde mental atravessou minha vida, durante muitos anos, pela via do sofrimento mental. A linha que fui tecendo entre a vida e a morte me conduziu, quase sem que eu percebesse, para a realização dos primeiros estágios na área da psicologia clínica. E o inconsciente, que está sempre a postos, me conduziu a realizar os primeiros

atendimentos a pessoas totalmente atravessadas por um sofrimento interminável. Pessoas sobre as quais eu nada sabia até o momento do primeiro atendimento. Foram esses encontros que me encaminharam para o desejo de atuar como psicóloga clínica, pois essa foi se tornando uma forma minha de habitar o mundo. Após a minha formatura, em 2018, segui nesse caminho de atendimentos clínicos até o ano de 2024, acompanhando diversas histórias, inclusive muitos estudantes de Graduação e Pós-Graduação que também eram tomados por essa angústia que me era tão conhecida.

Os atendimentos clínicos foram realizados em diferentes territórios. No meu consultório, na cidade de Viçosa-MG, onde realizei, a princípio, atendimentos presenciais que foram, aos poucos, sendo compostos majoritariamente por estudantes. E no projeto intitulado “ENQ é Empatia”, cujo foco era fornecer o plantão psicológico para estudantes do curso de Engenharia Química da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Devido à expansão do projeto, posteriormente, esses atendimentos foram fornecidos para demais estudantes da UFV. Cabe ressaltar que Viçosa é uma cidade universitária, que abrigava, no ano de 2025, a Universidade Federal de Viçosa (UFV), o Centro Universitário de Viçosa (UNIVIÇOSA) e a Faculdade de Viçosa (FDV), o que facilitou para que o maior público do meu consultório fosse de estudantes universitários. Dessa forma, atuei na escuta das vivências desses/as estudantes e foi possível captar como eram as suas composições de mundo. A clínica, nesse contexto, possibilitou-me compreender que a vivência dos/as estudantes era composta por um emaranhado de tramas e não se limitava somente ao ambiente acadêmico.

Na escuta desses sujeitos-estudantes, pude perceber que sempre aparecia uma dança: vida e morte se entrelaçavam continuamente. Em cada fala tecida, essas intensidades se entrelaçavam, compondo, assim, uma trama de multiplicidades em que essa dualidade (vida e morte) coexistia, se cruzando perenemente. Nesse lugar, em que aparentemente as pessoas estavam engolidas pela angústia, havia muito mais entradas e saídas. O que nos aproxima de um ponto interessante para essa pesquisa: saúde mental não se limita à dimensão da doença; ela também abarca os movimentos de produção e ampliação da vida e, especialmente, das relações. Assim, unindo diferentes vivências, que se iniciam com as minhas afetações, esta pesquisa foi conduzida no caminhar em conjunto com os/as pós-graduandos/as, captando as suas intensidades, seus processos, as suas vibrações, acompanhando a dança da vida que foi sendo costurada.

Nesse cenário, podemos perceber que há uma relação entre vivência acadêmica e adoecimento psíquico, mas ainda nos questionamos: o que mais atravessava essas tramas produzidas nesse meio? Esse questionamento me permitiu chegar à pergunta central dessa pesquisa: Como as composições relacionais no cotidiano das/os estudantes do Programa de Pós-graduação do Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade Federal de Viçosa (UFV) podem potencialmente afetar sua saúde mental? Nosso intuito foi captar movimentos que se presentificavam nessa composição, sem reduzir a saúde mental, nesse contexto, apenas ao sofrimento. Buscávamos compreender se havia algo mais que pudesse emergir para além da relação já destacada pelas pesquisas, pois estávamos buscando deslocar a saúde mental dessa posição de estado ou objeto fixo, a fim de pensá-la como sendo uma rede rizomática.

2. METODOLOGIA

2.1 Caminhos metodológicos

Consideramos importante abordar a análise da implicação nesse momento, visto que essa pesquisa também se orienta por essa perspectiva. Nos apoiamos, a princípio, em Kilomba (2019), quando a autora nos diz que não há um discurso neutro, sobretudo, em pesquisas científicas, tendo em vista que todo conteúdo produzido decorre da vivência pessoal; ou seja, sempre se fala a partir de uma realidade e de uma história.

A afirmação tecida por Kilomba (2019) dialoga com Lourau (2004), quando o autor afirma que toda pesquisa também revela algo sobre o/a pesquisador/a. O autor aponta que não há como separar as nossas implicações do ato de pesquisar e, por isso, é fundamental que a análise da implicação seja abordada tanto de modo individual quanto coletivo (Lourau, 1993).

Lourau (1993) nos apresenta o conceito de implicação a fim de compreender que o/a pesquisador/a traz sua própria produção de realidade ao seu campo de investigação, além de sua simples presença nesse campo já o transformar. Nesse sentido, ao pesquisar, há sempre um movimento simultâneo entre o social e o individual ou pelas palavras do autor: "Estar implicado (realizar ou aceitar a análise de minhas próprias implicações) é, ao fim e ao cabo, admitir que sou objetivado por aquilo que pretendo objetivar: fenômenos, acontecimentos, grupos, ideias, etc" (Lourau, 1993, p. 147-148).

Diante disso, essa pesquisa foi tecida a partir da minha implicação na dança entre a vida e a morte, entrelaçada aos passos dos/as pós-graduandos/as e aos múltiplos movimentos da vida que se desenhavam em suas trajetórias. Para compor essa tessitura, os dados produzidos e inventados dessa caminhada decorreram do mapeamento das redes relacionais que compõem a saúde mental dos/as discentes da Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Para seguir as geografias das intensidades e afetações desses/as estudantes, optamos pelas narrativas produzidas a partir de oito entrevistas não estruturadas, da modalidade não dirigida, realizadas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Diante do desejo e manifestação dos/das estudantes, apenas uma entrevista foi realizada de modo presencial, as demais foram realizadas pela plataforma Google Meet, variando a duração de 45 minutos a 1 hora cada. Além disso, também utilizamos o diário de bordo, material esse que possibilitou a manifestação de todas as impressões, sensações e afetações que insurgiram no corpo após cada encontro.

A nossa caminhada nesta pesquisa seguiu uma linha que possibilitou que o conhecimento fosse inventado e produzido no próprio ato de pesquisar, ou seja, o caminho foi se tecendo na medida em que se pesquisava (Lopes, 2004). Como nosso intuito foi captar as intensidades de saúde e doença compostas nos movimentos inventados pelos/as estudantes, escolhemos a cartografia como uma intenção metodológica, por se tratar de uma ferramenta que se propõe a mapear redes relacionais e os mundos emergentes dessas redes, ou seja, adentrar na geografia das intensidades e das afetações dos sujeitos. (Marconi; Lakatos, 2003; Martines; Machado; Colvero, 2013; Miranda et al. 2021).

Diante dessa escolha da cartografia como intenção metodológica, embora tenham sido realizadas oito entrevistas, optamos por mapear as redes relacionais de quatro estudantes. Essa decisão se procedeu por percebermos que essas narrativas manifestavam, com maior intensidade, afetações, conexões e movimentos existenciais relacionados às composições de saúde mental na pós-graduação. As demais entrevistas, direcionaram para intensidades que extrapolavam o foco dessa caminhada ou não havia possibilidade de acompanhar os processos que buscamos cartografar. Compreendemos esse movimento como parte do processo do pesquisar, uma vez que a pesquisa se faz no próprio percurso. É o trajeto que nos direciona a partir dos movimentos, intensidades e afetações a seguir determinadas composições.

Para compreender a produção da subjetividade, Deleuze e Guattari (1995) tomaram emprestado da botânica o conceito de rizoma, em que este é um caule modificado que tem como uma de suas funções a nutrição das plantas. Na botânica, o rizoma se apresenta como uma teia conectiva que pode ser exemplificada em uma organização vegetal como a grama. Esta se espalha em todas as direções, sem centro, profundidade ou hierarquias, mas com múltiplas conexões, ou seja, há um processo dinâmico de ligações. Ao pensarmos no rizoma, nos termos da produção da subjetividade, o foco não deve estar na busca de um ponto central universal, essência explicativa, mas no acompanhar os fluxos de conexão: arranjos, combinações e agenciamentos, o que bloqueia ou permite que as tramas se espalhem, pois o rizoma se abre e se expande em diversas direções.

Para Deleuze e Guattari (1995), a realidade também é rizomática, formada por múltiplas conexões. A partir dessas conexões, é possível construir uma cartografia, isto é, a construção de um mapa (sempre transitório) das realidades emergentes em um rizoma, pois um mapa é aberto e dinâmico, reversível, adaptável, passível de ser rasgado, redesenhado. Nesse sentido, uma das características fundamentais do rizoma é sua multiplicidade de

entradas e saídas. Um rizoma se espalha em diversas direções, abrindo e fechando, construindo e destruindo, crescendo e criando onde encontra passagem.

Simonini (2019) aponta que ao se pensar a realidade enquanto processo rizomático, a cartografia se transforma em método, uma vez que cartografar uma realidade é seguir as linhas que vão se compondo – no desenho do mapa das conexões –, ao contrário de realizar uma busca por uma causa originária. Igualmente Barbosa et al. (2018, p.11) nos ilustram que estar em rizoma “é como se estivéssemos ligados por linhas, que não têm limites, conectadas em rede, onde não é possível conhecer a separação de uma e outra”.

Diante disso, cartografar se refere a acompanhar as linhas de intensidade que se constroem nos processos relacionais e que, por meio de seus entrelaçamentos, produzem diferentes mundos (Simonini, 2019). Ao cartografar, estamos acompanhando o movimento da perda de sentido de alguns mundos junto à construção de novos, conforme Rolnik (2006).

Rolnik (2006) nos aponta que o/a cartógrafo/a compreende a teoria como uma cartografia, se fazendo em conjunto aos movimentos que ele/a está acompanhando. Desse modo, o/a cartógrafo/a produz informações de qualquer lugar, ou seja, não se limita, entra em sintonia com os movimentos; cria novos sentidos. Importante sublinhar, ainda, que o/a cartógrafo/a absorve diversas fontes, não se limitando apenas à da escrita ou à teoria. Sua busca é seguir as diversas matérias de expressão, permeando ao atravessamento das intensidades que alcançam o seu corpo a partir do encontro com outros corpos com os quais vibra “(...) Aliás, entender, para o cartógrafo, não tem nada ver com explicar e muito menos com revelar” (Rolnik, 2006, p. 66). O que importa é captar as intensidades que se engendram na criação de mundos. Diante disso, a autora supracitada compreende que o/a cartógrafo/a busca seguir os processos de construções de realidades, permitindo que seu corpo sinta as vibrações dos encontros, criando formas para que essas vibrações encontrem caminho para a existencialização.

Rolnik (2006) pontua ainda que não é possível definir um método específico de uma pesquisa cartográfica e Simonini (2019) também nos diz que uma pesquisa cartográfica vai muito além de resumi-la em um método de pesquisa, sendo preciso que o/a cartógrafo/a assuma tanto uma posição epistemológica quanto existencial, pois ao se escolher realizar tal proposta de pesquisa, também se está escolhendo uma política de realidade: abandona-se a perspectiva da realidade enquanto re-apresentação, para se assumir a realidade enquanto agenciamento, mistura, conexão, produção. Nesse tipo de pesquisa cartográfica, a realidade passa a ser compreendida, então, não como re-apresentação de algo pronto a ser

“des-coberto”, uma vez que possui uma verdade intrínseca e universal. Ao contrário, nessa perspectiva cartográfica, a realidade é assumida como continuamente produzida nas relações, nos encontros, nas tramas, sendo que não existiria uma realidade externa às tramas que a produzem.

Posto isso, observamos que a cartografia pretende seguir as diferentes intensidades a que um objeto de expressão está conectado, acompanhando os seus movimentos. Por isso, o foco nunca está em isolar o objeto de suas conexões com um mundo. Vale ainda ressaltar que, no caso da cartografia, é necessário que o/a pesquisador/a se permita ser também agenciado/a nessas intensidades, o que não significa falta de controle das variáveis, mas dar passagem aos afetos que surgem (Barros; Kastrup, 2009).

Paralelo a isso, Romagnoli (2009) afirma que a cartografia é capaz de possibilitar uma articulação entre diversos saberes, sobretudo aqueles não científicos. Essa característica decorre do fato do/a pesquisador/a possuir um papel fundamental na pesquisa, pois a produção do conhecimento ocorrerá mediante as sensações, afetações e percepções experimentadas no encontro com o seu campo de pesquisa.

Em suma, em uma pesquisa cartográfica, a busca é o acompanhamento de processos de criação e de produção de maneiras de pensar e formas de viver. Portanto, praticando a cartografia, é possível acompanhar o movimento dos processos de subjetivação que se produzem por meio de uma conjunção de forças e linhas que se entrecruzam em suas atuações (Kastrup, 2009; Passos; Barros, 2009).

Nessa pesquisa, uma forma de cartografar as vivências de saúde mental dos/as estudantes pesquisados/as foi seguir as narrativas por eles/elas criadas. Clandinin e Connelly (2011) apontam que as narrativas vão muito além de uma simples comunicação entre as pessoas por meio de histórias. Assim, em uma pesquisa narrativa, o/a pesquisador/a deve captar uma perspectiva de vida, as histórias em suas distintas facetas, sua face transformadora e complexa, além dos seus diversos significados. Postulam também sobre como não há uma busca por uma verdade, pois tanto a parte fictícia quanto os fatos compõem a história, são inseparáveis e de extrema importância.

Melo (2016) relata que, em uma pesquisa narrativa é importante captar como as pessoas contam as suas histórias e tecem sentidos para as suas vivências, pois a narrativa não é somente uma parte da pesquisa a ser analisada, mas as histórias passam a ser a pesquisa, sendo o que é estudado o próprio caminho. Outro aspecto importante em pesquisas que

utilizam as narrativas é se recordar de que, segundo Amorim e Simonini (2021), o ato de narrar as próprias histórias, em conjunto a tantas outras que são contadas, permite que os sujeitos estabeleçam sentidos para o mundo no qual vivem e até para si. Assim, podemos perceber que o mundo não é algo pronto, mas é construído por narrativas, podendo assim gerar efeitos de verdades, memórias e afetos. Somos, assim, efeitos de histórias e "(co)inventores das nossas existências" (Amorim; Simonini, 2021, p. 212).

Cunha (1997) nos lembra, também, que a narrativa permite ao sujeito reconfigurar sua própria trajetória, gerando novos significados. Essa transformação se dá não apenas para quem narra, mas também para aqueles que escutam. Dessa forma, podemos perceber como, em uma pesquisa narrativa, o/a próprio/a pesquisador/a será disposto/a a uma desconstrução/construção de suas experiências, bem como as dos sujeitos envolvidos no estudo. O autor, ainda, nos pontua sobre como o participante da pesquisa, ao organizar as suas ideias para contar a sua história, o faz de um modo reflexivo, o que o permite construir novos significados e compreensões da sua própria história de vida. O que nos remete à fala de Ribeiro e Souza (2010), quando apontam que o ato de contar histórias se refere a uma prática cotidiana e comum a todo sujeito. Como se houvesse um desejo em cada ser humano de contar histórias, esse ato é uma forma de comunicação. A partir da narrativa, os sujeitos conseguem organizar eventos, situações, criar sentidos tanto para a vida individual quanto a coletiva. Em suma, como bem nos lembram Bernades e Pereira (2020), a narrativa possibilita ao sujeito investigar e refletir sobre a sua própria travessia, pois resgatam experiências que ainda reverberam em seus corpos, voltando ao passado para ressignificar o presente.

Huston (2010) defende a ideia de que as nossas histórias são ficções, pois elas só existem nas tramas relacionais a partir das quais damos sentidos e significado a elas. Assim, as ficções são formadas nas relações que nos inventam e são elas que permitem que cada um de nós invente um "eu". A nossa memória, nessa lógica da autora, também é uma ficção, pois está sempre criando, selecionando, articulando e associando cenas. Por isso, em certos termos e a partir dos agenciamentos aos quais se alia, cada um fabrica a sua vida, pois, ao narrar a sua própria história, há a seleção e exclusão de diversas informações, experiências, sensações, etc. Portanto, a história de vida de cada um pode ser cartografada nos sentidos que emergem nas tramas, o que, por sua vez, fabrica um sentido de realidade ao mundo e a si mesmo.

Em Huston (2010) é preciso entender que a ficção para o ser humano é a sua base de mundo. Para os seres humanos, não basta somente a realidade, precisam de mais, o Sentido.

Os seres humanos fabulam o tempo todo, isto é, criam narrativas. E é essa habilidade de fabular que permite que o sujeito viva, auxiliando-o no enfrentamento de perdas, lutas e a repor as suas energias para enfrentar um novo dia.

Melo (2016) nos aponta que, na pesquisa narrativa, podemos optar por escolher contar ou pelo vivenciar as histórias. Nessa pesquisa, a escolha foi pelo contar histórias, na qual pude ouvir as histórias dos/as estudantes e captar os sentidos que aquelas histórias possuíam para os/as estudantes. Esse ponto da narrativa dialoga com o mapeamento cartográfico, pois o processo se refere a um caminhar em conjunto ou, conforme Simonini (2019), na cartografia a busca não é pela descrição da realidade de um grupo, mas o acompanhamento dos diversos processos de produção de realidades. Assim, o/a cartógrafo/a é participante nos movimentos que está seguindo, sendo também um/uma construtor/a da realidade que busca pesquisar.

Clandinin e Connelly (2011) também nos afirmam que, ao trabalhar com pesquisas narrativas, é preciso entender que enquanto pesquisadores/as estamos no entremeio de um conjunto de histórias, incluindo as nossas. Dessa forma, é necessário que o/a pesquisador/a se coloque na investigação olhando para o campo dessa e para si, se localizando, perpassando pelas dimensões de espaço, tempo, pessoal e social. Portanto, essa proposta de seguir as produções de realidades inclui, sobretudo, os próprios processos que o/a pesquisador/a movimenta quando se coloca na posição de investigar.

Clandinin e Connelly (2011) nos traçam a seguinte linha de raciocínio sobre a narrativa:

(...) Para nós, a vida — como ela é para nós e para os outros — é preenchida de fragmentos narrativos, decretados em momentos históricos de tempo e espaço, e refletidos e entendidos em termos de unidades narrativas e descontinuidades" (2011, p. 48).

E Simonini (2011) nos lembra bem quando diz que, na proposta de uma pesquisa cartográfica, a narrativa pode ser um balizador para o acompanhamento dos processos de construção de mundos. Desse modo, a busca desta pesquisa não foi por uma verdade que está oculta, mas o acompanhamento de construções de mundos e suas (des)continuidades.

2.2 Trajetórias e encontros da pesquisa

Na tessitura dessa pesquisa, múltiplas rupturas se fizeram, abrindo diversas outras linhas de possibilidades e composições. O desejo sempre foi adentrar o campo da saúde mental

dos/as estudantes, mas quais seriam esses estudantes? Começamos, então, a trilhar essa busca experimentando e construindo, o que nos direcionou a encontros e desencontros, movimentos esses que compõem o próprio ato de pesquisar.

A princípio, seriam incluídos os/as estudantes de dois Programas de Pós-Graduação da instituição: o Programa de Pós-graduação em Engenharia Agrícola e o Programa de Pós-Graduação em Educação. Contudo, a partir de diálogos e diversos atravessamentos, compreendemos que seria inviável abarcar uma pesquisa com dois mundos tão distintos dentro do período limitado para a conclusão e defesa da dissertação. Além disso, por fazer parte dos/as estudantes que compõem a turma de 2024 do Programa de Pós-Graduação em Educação, reconheci que a minha imersão nessa realidade poderia dificultar o desenrolar da própria pesquisa. Assim, decidimos restringir o foco a um único programa, optando inicialmente pelo Programa de Mestrado em Letras. No entanto, ao nos aproximarmos do seu contexto histórico, notamos que o Programa ainda não contava com o nível de Doutorado, e o desejo era também percorrer esse território. Foi assim que nos encontramos com o Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Viçosa (UFV), consolidado desde 2005. Nos deparamos, então, com esse novo território: um campo repleto de possibilidades, com o qual passamos, desde então, a trilhar caminhos.

Nessa construção, começamos a produzir possíveis caminhos para iniciar esse mapeamento. Uma abertura na qual nos amparamos e que se revelou um campo fértil, foi a divulgação de um questionário, cujo intuito, desde o início, era possibilitar o encontro com os/as discentes. Assim, buscamos o auxílio da secretária do Programa, do coordenador, dos professores e professoras e até mesmo de colegas de outros Programas. Esse movimento abriu diversas linhas e percebemos como os estudantes se dispunham e, em alguma medida, eram atravessados pelo desejo de falar, mesmo que pouco, sobre o que compreendiam por saúde mental.

O questionário foi composto por um tópico de dados pessoais, como nome, idade, gênero, raça/cor, orientação sexual, contato telefônico e e-mail e, por fim, o nível da pós-graduação. No segundo ponto, havia três perguntas: Como você descreveria o conceito de saúde mental? Como você descreveria a sua saúde mental no atual momento? Você acha que as suas relações interpessoais afetam a sua saúde mental? Caso a resposta seja sim, como? As perguntas foram elaboradas de maneira aberta, a fim de captarmos inicialmente como esses/as estudantes estavam sendo atravessados/as pela temática da saúde mental.

Houve vinte e nove questionários respondidos e, a partir de cada resposta, entrei em contato com os/as participantes, realizando o convite para a participação na entrevista. No total, oito estudantes aceitaram participar, sendo cinco do doutorado, quatro do sexo feminino e um do sexo masculino, e três do mestrado, todos do sexo masculino. A idade dos/as estudantes variou entre 25 a 41 anos.

Nesse primeiro contato com os/as alunos/as, a partir dos dados arquivados no questionário, o convite era feito para uma entrevista presencial, mas os/as próprios/as participantes começaram a propor a possibilidade de que elas fossem realizadas na modalidade online. Assim, sete entrevistas foram realizadas pela plataforma Google Meet, e apenas uma ocorreu presencialmente, no local de trabalho de uma das participantes. A duração variou entre 45 minutos e 1 hora para cada entrevista. Todas as entrevistas foram realizadas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, enviado pelos/as estudantes via e-mail ou WhatsApp.

Ressaltamos novamente que optamos pela realização de entrevistas não estruturadas, da modalidade não dirigida, por permitirem conduzir a entrevista conforme o desenrolar das experiências que emergiam nas narrativas, possibilitando uma exploração mais ampla das temáticas que poderiam surgir (Marconi; Lakatos, 2003). Como estávamos mapeando as redes relacionais, a escuta foi atravessada por alguns cuidados necessários, como captar para além da experiência vivenciada e relatada na entrevista, ou seja, captar a dimensão processual dessas vivências. Na pesquisa cartográfica, a entrevista apreende dois polos: 1) a experiência de vida, que diz respeito ao modo como o sujeito reflete e percebe as suas experiências, incluindo as narrativas sobre histórias que compõem a sua vida, isto é, as falas carregadas de emoções, interesses e tudo o que é possível de ser transmitido pelo sujeito como forma de representar as suas vivências; 2) e a experiência pré-refletida ou ontológica, o que se configura na processualidade ou como um conjunto de forças que mantêm todo o aparato das representações (Tedesco; Sade; Caliman, 2013).

Diante disso, ao iniciar cada entrevista, a única pergunta que servia como base para essa travessia era: como você identifica o que compõe a sua saúde mental enquanto estudante da pós-graduação? Como nos propusemos a cartografar, a melhor forma encontrada foi manter um caminho o mais aberto possível, pois assim seria possível acompanhar os fluxos que emergiam em cada encontro.

Essa pergunta se baseia na proposição de Jovchelovitch e Bauer (2002), a fim de instigar a fala da/o participante sem gerar um diálogo fechado ou rígido. A partir da história de vida apresentada pelo/a entrevistado/a enquanto composição da sua produção de subjetividade, fomos acompanhando as possibilidades para a construção do emaranhado de redes compositoras da saúde mental desses/as. As múltiplas teias com as quais nos deparamos ao longo dessa trajetória foram pistas traçadas para captarmos as diversas produções de mundo que coexistem nesse território. Para registrar todas as afetações, impressões e sensações que percorriam o meu corpo a cada entrevista, recorri ao diário de bordo e a gravações em áudio, pois o desejo era registrar as marcações que insurgiam em mim diante de cada encontro.

Acrescentamos ainda que, no desenvolvimento desta caminhada, inicialmente realizamos uma pesquisa bibliográfica, uma vez que possui o intuito de identificar produções acerca dos conceitos e temas relacionados à investigação. Sendo assim, foi realizado um levantamento bibliográfico cuja base consistiu na busca por fontes, como artigos indexados em bases de dados online, nesse caso, o portal de periódicos CAPES, tendo como parâmetro cronológico o período de 2014 a 2024. Em seguida, foram pesquisados os descritores utilizando palavras-chave como: saúde mental, pós-graduação, estudantes e conceito, recolhendo, assim, os trabalhos publicados nos últimos dez anos. A escolha dos descritores foi definida conforme os parâmetros temáticos relacionadas ao tema da pesquisa, além de também ter sido definida segundo o parâmetro linguístico, optando-se por trabalhos publicados no idioma português (Lima; Miotto, 2007; Marconi; Lakatos, 2003; Nascimento, 2016).

2.3 O território da pesquisa: o Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Consideramos também importante traçar uma apresentação, a princípio, do mundo em que escolhemos realizar a pesquisa, o Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Viçosa (UFV). No ano de 2005 houve a aprovação da criação do Programa em nível de mestrado, em 1º de março de 2016 foram iniciadas as atividades do doutorado. Atualmente, em 2025, o Programa de Pós-Graduação em Administração possui conceito 5 atribuído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A princípio o programa contava com uma distribuição de subáreas para as linhas de pesquisas disponibilizadas, como Finanças, Marketing, Organização e Administração Pública, mas a partir da primeira avaliação trienal (2005-2007) da CAPES, a coordenação do programa

concentrou todos os seus esforços no aperfeiçoamento e capacitação do seu corpo docente na área de Administração Pública e, desde então, essa é a área base do Programa (Universidade Federal de Viçosa, 2025).

O objetivo do Programa é possibilitar uma formação pessoal, técnica e científica voltada às atividades profissionais referentes ao ensino, pesquisa, extensão e à atuação profissional na área da Administração Pública. O curso oferecido é o Mestrado Acadêmico em Administração, com duração máxima de 24 meses, e o Doutorado, com duração máxima de 48 meses, contando com 19 orientadoras(es), sendo quatro da Linha de Pesquisa 1, seis da Linha de Pesquisa 2, cinco da Linha de Pesquisa 3 e quatro da Linha de Pesquisa 4 (Universidade Federal de Viçosa, 2025).

O programa contou com duas linhas de pesquisa até o ano de 2020, sendo “Governo, Políticas Públicas e Governo (GPD)” e “Gestão de Organizações Públicas, Governança e Sociedade (GPS)”. A partir do ano de 2021, houve uma ampliação das linhas de pesquisas, passando para: Contabilidade no Setor Público e Finanças Públicas; Desenvolvimento, Inovação e Indústria; Governo, Organizações e Sociedade Civil e Políticas Públicas (Universidade Federal de Viçosa, 2025).

O processo seletivo consiste na inscrição por meio do sistema de Gerenciamento de Processo Seletivo (GPS) em conjunto com mais quatro etapas, sendo: a análise do projeto de pesquisa, o teste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), a avaliação do currículo Lattes e a arguição oral do projeto. São oferecidas dezessete vagas para o mestrado, sendo treze destinadas para ampla concorrência, e quatro para candidatas/os de ações afirmativas. Também são disponibilizadas duas vagas para estudantes estrangeiras/os. Para o doutorado, são oferecidas nove vagas, sete para a ampla concorrência, duas para ações afirmativas e duas para alunas/os estrangeiras/os (Universidade Federal de Viçosa, 2025).

O Programa conta, atualmente, com quatro linhas de pesquisas sendo elas: Linha de Pesquisa 1 — Contabilidade no Setor Público e Finanças Públicas, é direcionada a estudos sobre a problemáticas do setor público vinculadas à alocação, arrecadação de recursos, bem como à forma como as informações contábeis, tributárias e financeiras são utilizadas nas ações orçamentárias, fiscais, na transparência e combate à corrupção. Linha de Pesquisa 2 — Desenvolvimento, Inovação e Indústria, tem como objetivo investigar as interrelações entre Desenvolvimento, Inovação e Indústria, compreendendo o papel do setor público e seu

impacto na economia e no meio ambiente. Linha de Pesquisa 3 — Governo, Organizações e Sociedade Civil, tendo como foco em estudos destinados a compreender as questões oriundas das relações entre o Estado e a Sociedade Civil, identificando os efeitos das ações governamentais na sociedade. E a Linha de Pesquisa 4 — Políticas Públicas, cujo objetivo é analisar políticas, atividades governamentais ou não governamentais, projetos nos campos econômico, social, administrativo, dentre outros, a partir de diversas abordagens metodológicas (Universidade Federal de Viçosa, 2025).

3. PASSO II — TECENDO SENTIDOS SOBRE SAÚDE MENTAL

3.1 Saúde Mental: um panorama contextualizado

Para iniciar a discussão acerca da saúde mental, partiremos da concepção identificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que a propõe como um recurso para a vida, sendo identificado como uma noção positiva que engloba recursos sociais, pessoais e capacidades físicas. Partindo desse ponto de vista, a promoção de saúde não se configura como uma responsabilidade exclusiva do setor médico, mas se amplia a diversos outros, uma vez que se busca o bem-estar global. Segue-se, assim, a proposta de pré-requisitos para a saúde apresentada na I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa, em novembro de 1986, que explicita:

As condições e os recursos fundamentais para a saúde são: Paz – Habitação – Educação – Alimentação – Renda – Ecossistema Estável – Recursos Sustentáveis – Justiça Social e Equidade. O incremento nas condições de saúde requer uma base sólida nestes pré-requisitos básicos (OMS, 1986).

Em consonância com isso, encontramos no Ministério da Saúde que o conceito de saúde, a partir de uma análise saúde-adoecimento, é o resultado da conjunção entre a organização da produção, do trabalho e da sociedade em determinado contexto histórico. Na Política Nacional de Promoção da Saúde é posto que, para promover a saúde, é necessária a criação de estratégias específicas, identificando que os seguintes elementos são cruciais na análise do processo saúde-adoecimento: "(...) Violência, desemprego, subemprego, falta de saneamento básico, habitação inadequada e/ou ausente, dificuldade de acesso à educação, fome, urbanização desordenada, qualidade do ar e da água ameaçada e deteriorada" (Brasil, 2006, p. 10).

Diante disso, podemos observar que a saúde não se enquadra somente na ausência de doença ou na presença do bem-estar fisiológico. Conseguimos compreendê-la enquanto um conjunto de recursos individuais, psíquicos, fisiológicos, sociais e comunitários que um sujeito ou grupo possui, a fim de possibilitar o enfrentamento de sofrimentos, mudanças e demais fatores que fazem parte do processo da existência (Simonini, 2018).

Seguindo esse raciocínio, a Organização Mundial da Saúde aponta que a saúde mental é tida como um estado de bem-estar, no qual o sujeito é capaz de identificar suas próprias habilidades, lidar com os estresses rotineiros da vida, trabalhar de forma produtiva e frutífera, gerenciar pensamentos e emoções, construir relações sociais, além de conseguir ter uma participação ativa na sociedade. Cabe ressaltar que ela é parte integrante da saúde, identificada como um estado de plenitude física, mental e social, não sendo apresentada somente como a ausência de doença. Dessa forma, a saúde mental também pode ser afetada por diversos fatores sociais, culturais, econômicos, políticos e ambientais (World Health Organization, 2021).

Bernardes e Angeli (2024) apontam que há diversas concepções de saúde mental, podendo esta ser assumida como uma dimensão multidisciplinar. Compreendem, assim, que ela não deve ser restrita somente ao campo da medicina ou da psicologia, mas é permeada por diversos saberes e práticas. Nessa perspectiva, Loiola et al. (2020) compreendem a saúde mental enquanto um estado harmônico entre fenômenos fisiológicos e ambientais, o que resulta em um plano de equilíbrio. Quando há uma alteração dessa harmonia, podem emergir transtornos mentais. Dessa forma, para esses autores, ela é fundamentada por meio de fatores socioeconômicos, biológicos e ambientais.

Incrementando essa discussão, Filho, Coelho e Peres (1999) propõem três dimensões para compreender o conceito de saúde mental: 1) a vertente factual, que se refere à descrição de comportamentos, práticas ou eventos vinculados a problemas de saúde mental pela comunidade; 2) a vertente narrativa, que procede a partir da retórica popular de cada sujeito individualmente ou a partir da descrição etnográfica da comunidade; e 3) a vertente interpretativa, que se define por como a comunidade estrutura, interpreta e tenta explicar os casos tidos como problemáticos encontrados. Essa forma de estruturação também pode ocorrer por meio dos aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais, individuais ou familiares.

Alcântara, Vieira e Alves (2022) buscaram analisar o conceito de saúde mental retratado nas pesquisas brasileiras no período de 2013 a 2017. As autoras identificaram que as palavras mais comuns a se repetirem diante da temática da saúde mental eram: transtornos mentais, transtornos mentais comuns, transtornos psiquiátricos ou comportamentais, sofrimento psíquico ou sofrimento mental, doença psíquica, doença mental ou estado mental, fenômeno ou condição psicossocial, loucura ou estresse. Apesar dessas diversas

terminologias, elas apontaram que o foco de todas as investigações se dividia entre a psiquiatria e os transtornos mentais, a reforma psiquiátrica, os serviços de atenção psicossocial e a dimensão da saúde mental enquanto sofrimento psíquico.

Identificaram ainda como há várias áreas do conhecimento que realizam pesquisas no campo da saúde mental, sendo este um campo transversal e que sofre influência de diversas perspectivas. Todavia, cabe ressaltar que as autoras observaram que a psiquiatria, como um saber em saúde mental, foi se construindo enquanto tomava para si a intervenção da loucura por meio dos tratamentos da doença psíquica a partir do processo de institucionalização procedido nos hospitais e manicômios. Nesse campo, foi concebida a psicopatologia, que se estrutura a partir de um modelo que observa, descreve e classifica sintomas e sinais, perpassando pela base de um ideal de normalidade, o que resultou na publicação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) por meio da Associação Psiquiátrica Americana (APA), que categoriza os transtornos mentais com base em determinados sintomas e a sua duração, sendo esse material utilizado e reconhecido mundialmente por profissionais (Alcântara; Vieira; Alves, 2022).

Para concluir, os dados encontrados por Alcântara, Vieira e Alves (2022), demonstraram que foi possível encontrar pesquisas nas quais não havia uma definição do termo saúde mental, como se este fosse presumido pela comunidade científica, abrindo margem, assim, para identificar que o conceito é utilizado muitas vezes sem problematizações a seu respeito.

Consideramos importante também traçar algumas considerações de Georges Canguilhem sobre a noção de normal e patológico que está inserida no campo da saúde mental. Assim, Canguilhem (2009) postula que identificar a normalidade como uma norma de vida necessitaria compreendê-la a partir de uma categoria mais ampla, englobando a saúde e o patológico enquanto subcategorias diferentes. A partir dessa lógica, a saúde e a doença seriam tidas como normais, tendo em vista que ambas compõem alguma norma de vida.

Canguilhem (2009) aponta que o normal possui uma flexibilidade de uma norma que se altera a partir da sua relação com os sujeitos. Todavia, ainda diz que não há um limite claro e estabelecido entre o normal e o patológico, tendo em vista que aquilo tido como normal em determinados contextos pode ser identificado como patológico em outras condições. Assim, a doença também é tida como uma norma de vida, sendo uma norma inferior no sentido de não ser capaz de se transformar em outra diretriz. Dito de outra forma, o autor postula que as

dualidades normal-patológico e saúde-doença não se referem a conceitos contraditórios, pois em sua perspectiva o patológico não é a ausência de normas, mas a presença de outras normas que inviabilizam o sujeito de viver da mesma forma que outros indivíduos tidos como sadios. Essa lógica possibilita a articulação do conceito de patológico com o de doença.

Também consideramos necessário adentrar na noção de saúde psíquica, o que nos possibilita recorrer ao que Guattari (1988) profere acerca do inconsciente — que podemos identificar como dimensão do psiquismo —, no qual estaria posto como algo que se derrama por toda parte, por tudo aquilo que compõe a vida de um sujeito. Portanto, o inconsciente se encontra transitando tanto no interior de cada sujeito, manifestando-se pelo modo de percepção do mundo, de vivenciar seus corpos e territórios, quanto nos diversos âmbitos sociais, como no interior das escolas, das universidades, dos bairros, da família, entre outros campos.

Não poderíamos, assim, deixar de traçar algumas considerações apontadas por Christophe Dejours (1992) em sua obra intitulada: *A Loucura do Trabalho Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. Nesta, ele aponta que as dimensões do inconsciente e do sofrimento mental se envolvem na relação sujeito-trabalho, o que dialoga com o nosso objetivo, pois buscamos compreender como as composições relacionais no cotidiano das/os estudantes, que também são trabalhadoras/es, podem afetar a sua saúde mental.

A busca de Dejours nessa obra é compreender o sofrimento no trabalho e, em sua perspectiva, o sofrimento se refere a uma luta do sujeito contra forças que o estão impelindo ao adoecimento mental. Perpassando pelo contexto laboral, a organização do trabalho ganha destaque, pois Dejours (1992) aponta que ela vai muito além da simples divisão do trabalho; diz respeito a tudo aquilo que envolve a relação do sujeito com seu fazer, abarcando a própria divisão das tarefas; o modo como os sujeitos se organizam para realizar essa distribuição das atividades; as obrigações de cada um e como se procedem os sistemas de controle. E seria, então, no embate entre essa organização e o funcionamento psíquico do sujeito que se desencadeiam as dimensões do sofrimento.

No desenvolvimento de seu trabalho, Dejours (1992) encaminhou seus estudos para compreender a relação entre saúde e sofrimento no cotidiano das relações de trabalhadoras e trabalhadores de diversos setores de produção, especificamente no operariado de fábricas. Em suas problematizações, identificou que houve a criação, por parte desses sujeitos, de

estratégias psíquicas defensivas que possibilitaram que eles sobrevivessem ao sofrimento ocasionado pela tensão entre a organização do trabalho e a sua vida psíquica.

Ressaltamos que o sofrimento, para Dejours (1992), não se refere somente a um adoecimento físico ou mental, mas à tensão que se procede na organização do trabalho e nas relações cotidianas das trabalhadoras e trabalhadores. Dessa forma, o sofrimento não é considerado a partir de um viés estático; embora ele possa ocasionar uma paralisação no sujeito em algum momento, também é capaz de gerar estratégias de enfrentamento. Afinal, essa dimensão faz parte do processo psíquico do indivíduo e pode ser utilizado de diversas formas no lidar com o ambiente laboral.

Diante disso, Dejours (1992) identificou e destacou, a princípio, duas modalidades de sofrimento que se organizavam a partir de dois sintomas em trabalhadoras/es: a ansiedade e a insatisfação. A insatisfação está relacionada ao sentimento de indignidade, sendo gerada a obrigação de realizar uma tarefa desinteressante para si, o que ocasiona a falta de significado, frustração e inutilidade. Esse sentimento de inutilidade remete, ao indivíduo, à ausência de significação e de qualificação para o trabalho. Há, assim, a ocorrência da vivência depressiva, que engloba os sentimentos de indignidade, inutilidade e desqualificação. Essa vivência possui sua base no cansaço, sendo resultado da execução de tarefas sem o investimento afetivo ou material que exige o esforço e motivação do trabalhador. Essa depressão é nutrida pela dormência da criatividade e pelo adormecimento mental do sujeito.

Com relação à ansiedade, Dejours (1992) aponta que há a ansiedade relativa à degradação do funcionamento mental e do equilíbrio psicoafetivo. Tal condição surge devido à desestruturação nas relações com os demais colegas de trabalho, pela discriminação e sua posição forçada nas relações de violência que ocorrem no ambiente laboral. Esse impacto na esfera psicoafetiva, ocasionado pela organização do trabalho, pode gerar malefícios para a saúde mental dos/as trabalhadores/as. Devido a todo esse desgaste, surge no indivíduo uma necessidade em descarregar a agressividade, a qual pode ser direcionada às demais relações que ele possui no ambiente de trabalho. Essa desorganização abre espaço para uma desordem do funcionamento psíquico, resultando na dormência da criatividade e no adormecimento mental do sujeito, ou seja, gerando uma despersonalização.

Quando Dejours (1992) realizou uma análise quanto ao trabalho de algumas telefonistas percebeu uma nova lógica, na qual o sofrimento deixa de ser uma consequência do trabalho enquanto tarefa e passa a ser um elemento que o produz. Isso ocorre tendo em

vista que as trabalhadoras afirmavam que não possuíam o direito de reclamar, pois todo o seu comportamento era rigidamente controlado, como podemos verificar no seguinte trecho: "(...) Proibição de responder agressivamente, proibição de desligar, proibição de irritar o outro fazendo-o esperar indefinidamente... a única solução autorizada é reduzir o tempo de comunicação e empurrar o interlocutor para desligar mais depressa" (1992, p. 103). Podemos observar que nesse caso, a única opção de comportamento que as telefonistas podiam adotar para liberar a agressividade gerada pela própria rotina de aprisionamento laboral era trabalhar de modo mais rápido. Nesse caso não houve um pedido ou exigência que a atividade fosse realizada de modo mais acelerado, houve uma provocação de uma irritação e tensão nervosa que ocasionaram o aumento da produtividade. O referido autor conclui que:

O que é mais explorado pela organização do trabalho não é o sofrimento em si mesmo, mas principalmente os mecanismos de defesa utilizados contra esse sofrimento. No caso das telefonistas, o sofrimento resulta da organização do trabalho "robotizante", que expulsa o desejo próprio do sujeito. A frustração e a agressividade resultantes, assim como a tensão e o nervosismo, são utilizadas especificamente para aumentar o ritmo de trabalho (1992, p. 104).

Posto isso, Dejours (1992) nos aponta como é importante a espontaneidade na organização do trabalho, pois assim há uma consideração em relação aos comportamentos individuais, às necessidades do sujeito e às suas defesas comportamentais. Dessa mesma forma, a organização do tempo de cada etapa laboral, considerando o tempo de descanso, torna-se essencial para a economia psicossomática. Afinal, essa flexibilidade protege e previne o corpo de sofrer prejuízos e permitindo a canalização das suas pulsões no desenrolar das atividades, tendo em vista que: "(...) a livre organização do trabalho torna-se uma peça essencial do equilíbrio psicossomático e da satisfação" (Dejours, 1992, p. 128).

Posteriormente, em outra obra, intitulada *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (1994), Dejours e Abdoucheli (1994) afirmaram que podemos enquadrar o sofrimento em dois tipos: o sofrimento criador e o sofrimento patogênico. O sofrimento criador é aquele que possibilita ao sujeito transformar o sofrimento em criatividade. Além disso, essa modalidade gera uma resistência maior para o indivíduo, reduzindo as chances de desestabilização psíquica ou somática. Nesse caso, o trabalho possibilitaria ao sujeito um estado de bem-estar, ou seja,

favoreceria o seu estado de saúde e sua produtividade. Já o sofrimento patogênico permanece próximo às considerações realizadas em sua obra anterior *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*; isto é, surge quando restam ao sujeito somente às pressões rígidas, sem alcance de mudança, marcadas pela repetição, pela frustração e pelo sentimento de impotência. Nesse cenário, houve a exploração de todos os recursos psíquicos defensivos, mas sem êxito, levando ao desenvolvimento do quadro patogênico.

Em suma, Dejours (1992) nos afirma que não há doenças específicas criadas pela organização do trabalho, não existindo, dessa forma, uma patologia mental oriunda do trabalho. O que se identifica é a existência de três elementos que envolvem a relação sujeito-trabalho: a fadiga que desgasta o aparelho psíquico ocasionando a dormência da criatividade; o sistema frustração-agressividade reativa, que mantém a energia pulsional sem possibilidades de saída; e a organização do trabalho, configurada pelas exigências externas que atuam contrariamente aos investimentos pulsionais do sujeito. Quando há um embate entre a organização psíquica do sujeito e a organização laboral, procede-se um efeito que atuará nas descompensações psiconeuróticas, disparando o sofrimento patogênico. Todavia, conforme Dejours e Abdoucheli (1994), a relação sujeito-trabalho também pode ocasionar o equilíbrio mental e a saúde física por meio do sofrimento criador. O equilíbrio nessa psicodinâmica ocorre quando as exigências da tarefa estão em harmonia com as necessidades da economia psíquica do trabalhador. Há, nessa equação, um prazer e uma satisfação no próprio ato de trabalhar que coexiste com o sofrimento, sendo as defesas utilizadas contra o sofrimento, sendo as defesas utilizadas, nesse caso, uma possibilidade para a produtividade saudável.

3.2 Saúde mental no contexto acadêmico

O ingresso no ensino superior se refere a um marco na vida do sujeito, tendo em vista que essa experiência é repleta de novos fatores. Essa transição envolve a busca por uma formação profissional, a inserção do estudante a uma vivência repleta de decisões e responsabilidades inéditas, a distância física do universitário da sua família, a mudança de cidade ou estado, a própria transição do ensino médio para o superior e o processo de adaptação. Somam-se a isso a constituição de uma percepção de identidade nesse novo contexto, as pressões referente ao rendimento estudantil, o estabelecimento de novas relações interpessoais e a participação em

atividades extracurriculares, dentre outros tantos elementos condizentes a essa nova realidade (Castro, 2017; Penha; Oliveira; Mendes, 2020).

Encontramos em alguns trabalhos (Barros; Ambiel; Baptista, 2021; Castro, 2017; Costa; Nebel, 2018; Penha; Oliveira; Mendes, 2020; Rezende et al., 2017; Santos; Perrone; Dias, 2015) a identificação de uma alta prevalência de transtornos mentais em estudantes universitários quando comparados à população geral. Penha, Oliveira e Mendes (2020) destacam que o ingresso no ensino superior exige múltiplos recursos cognitivos para auxiliar os/as acadêmicos/as no enfrentamento das demandas institucionais e relacionais, além de demandar uma rede de apoio para lidar com esse novo contexto. Essa fase do processo de formação, conforme Castro (2017), insere o sujeito em um estado de vulnerabilidade, que pode atravessar as suas diversas relações — seja com colegas, professoras/es ou demais sujeitos que se encontram envolvidos nesse contexto —, assim como influenciar os recursos internos de que dispõe.

Santos, Perrone e Dias (2015) apontam que a escolha pelo ingresso em um curso de mestrado ou doutorado é particular e complexa, assim como a inserção no ensino superior, se configurando também como um marco na vida do indivíduo. Diante disso, nota-se que há diversos fatores influenciadores nessa fase: tais como: exigências impostas pelo programa de pós-graduação como produtividade e a entrega de produções dentro de prazos estabelecidos, a conciliação de atividades acadêmicas com os eventos da vida pessoal, a relação com a orientação e a segurança financeira. Silva (2022) nos permite acrescentar outros elementos que afetam a experiência da/o pós-graduanda/o, como a ausência ou presença do acompanhamento docente, a realização de tarefas no laboratório, a hostilidade presente no ambiente acadêmico, a carga horária de trabalho por dia, o isolamento e a incerteza quanto ao futuro profissional. Quando esses fatores citados encaminham para uma vivência negativa, pode-se desencadear a evasão do programa, bem como gerar mal-estar e adoecimento mental. Esses elementos se assemelham aos fatores apontados por Dejours (1992), presentificados na organização do trabalho. Segundo o autor supracitado, quando não há saídas possíveis de adaptações entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico, gera-se o sofrimento mental.

Complementando essa linha de raciocínio, Costa e Nebel (2018) nos apontam que a pós-graduação pode gerar nos indivíduos um sentimento de incompletude, o qual surge quando o estudante sente que não foi capaz de concluir todas as tarefas do seu planejamento.

Essa sensação, conforme os autores, pode disparar o sentimento de culpa ao deitar-se para descansar, que foi constatado em sua pesquisa (39% das/os estudantes apontaram sofrer de insônia, além do remorso que sentiam ao dormirem). Os autores também nos revelaram que há três causas principais para o desenvolvimento de transtornos mentais nos/as pós-graduandos/as: os prazos pouco flexíveis, a escassez de avaliações do projeto, que normalmente ocorrem próximo à fase final do mestrado ou doutorado e a própria intitulação “defesa”, que indica para a/o estudante que esse terá que se defender durante a sua banca, ou seja, será atacado nesse período.

Os autores supracitados apresentam outros fatores fundamentais nesse processo de desenvolvimento de doenças mentais na pós-graduação, como o tabu frente ao adoecimento mental, tanto das/os estudantes quanto dos órgãos institucionais e a instabilidade financeira, pois grande parte dos estudantes são bolsistas. Cabe ressaltar que esses estudantes não possuem nenhum direito trabalhista e muitas agências de fomento à pesquisa exigem dedicação exclusiva, o que mantém a/o estudante somente com essa fonte de renda. A incerteza quanto ao futuro profissional também pode ser um desencadeador do adoecimento mental, a pressão psicológica em torno da defesa da dissertação ou tese, a relação estabelecida com o orientador, a preocupação com a construção do seu currículo Lattes, uma vez que há uma exigência dos Programas quanto às publicações e participações em eventos acadêmicos. Por fim, os autores apontam sobre o isolamento que os estudantes sentem após a conclusão de disciplinas presenciais: esse afastamento do contato direto com os pares pode acarretar o aumento do nível de ansiedade e estresse (Costa; Nebel, 2018).

Silva (2022) nos aponta uma correlação de suma importância: o adoecimento mental das/os pós-graduandas/os está relacionado ao adoecimento da classe trabalhadora, uma vez que, para investigar a saúde e a doença, é necessário compreender como se estrutura a própria organização do trabalho. Em uma sociedade capitalista, a definição de ser saudável pauta-se na capacidade de produção do indivíduo, o que se vincula com o desgaste da força de trabalho. Partindo dessa perspectiva, percebemos que para compreender o processo de adoecimento dos trabalhadores é necessário captar todos os aspectos do processo de trabalho, o que afeta diretamente na realidade cotidiana do sujeito trabalhador/universitário.

Um aspecto presente no cotidiano das/os trabalhadoras/es é o estresse, o qual pode se manifestar por meio da fadiga ou da tensão nervosa. Essa fadiga decorre da totalidade do contexto do sujeito, como a conciliação do trabalho com a sua rotina de vida; em muitos casos

o deslocamento até o local de trabalho, as tarefas do lar, o acesso à alimentação, à moradia, à saúde, dentre outros diversos aspectos (Silva, 2022). Estes sintomas foram encontrados também na pesquisa de Penha, Oliveira e Mendes (2020), mas houve um acréscimo na forma de apresentação do estresse, sendo apontado a partir de duas modalidades: os estressores externos que são resultante das avaliações, metodologia utilizada pela/o professora/o, prazos e exigências do ambiente acadêmico no geral, e condição de habitação, e os estressores internos que dizem respeito às dificuldades frente aos relacionamentos, autoestima, autoconfiança, baixa assertividade, dentre outros. Acrescentaram ainda, como também pontuado por Silva (2022), que a prevalência dos sintomas de estresse pode gerar o cansaço constante, o desgaste físico e prejuízos à memória.

Outro elemento que Silva (2022) nos aponta é que nesse contexto do trabalho, o sujeito é exposto a diversos fatores que podem levar ao desencadeamento do sofrimento ou adoecimento, podendo ser psíquico, físico, biológico, químico, dentre outros, realidade análoga à vivência de pós-graduandas/os conforme algumas pesquisas que encontramos (Costa; Nebel, 2018; Penha; Oliveira; Mendes, 2020; Sudo; Irala, 2023).

Na pesquisa de Costa e Nebel (2018) houve a avaliação de 2.903 estudantes de pós-graduação de todo o país, sendo 44% mestrandas/os e 56% doutorandas/os, contabilizando um total de 95% estudantes de universidades públicas. A partir dos dados foi constatado que 74% dos estudantes apontaram ter ansiedade, 31% insônia, 24% terem crise nervosa e 25% ter depressão. Também identificaram com a sua pesquisa que as/os estudantes possuíam algum distúrbio em relação ao sono como: 39% alegaram se deitar e não conseguir dormir, além do sentimento de culpa ao dormir, enquanto 30% apontaram acordar várias vezes durante a noite de sono e 20% relataram que acordam durante o sono e não conseguem mais dormir. Dialogando com esses dados, encontramos na pesquisa de Penha, Oliveira e Mendes (2020) a presença do sofrimento psicológico manifestado por meio de sintomas como estresse em 50% das/os estudantes, ansiedade em 13,5% e depressão em 7,2% das/os universitárias/os. Esses dados obtidos nos permitem identificar a importância de se conhecer como as/os estudantes vivenciam a adaptação acadêmica, os desafios e as consequências dessa experiência, pois assim há possibilidade para constituir estratégias institucionais que podem atuar na promoção do bem-estar destes.

Na pesquisa citada, Penha, Oliveira e Mendes (2020) também observaram como é necessário, nesse contexto da pós-graduação, captar quais são os fatores de proteção e risco

no campo da saúde mental. Dá-se destaque aos fatores protetivos, tendo em vista que os fatores de risco encontrados pelas/os autoras/es foram os mesmos encontrados por autoras/es que apresentamos no texto acima. Os fatores protetivos foram tidos como aqueles que facilitam o desenvolvimento saudável e os fatores de risco dizem respeito àqueles que podem acarretar algum prejuízo para o bem-estar do sujeito. Perceberam, assim, que a prática de atividades físicas pode auxiliar produzindo um efeito protetor em relação aos sintomas do Transtorno Mental Comum (TMC), uma vez que, ocorrendo uma prática frequente e regular, poderá ocasionar uma qualidade de sono melhor, melhorias no humor e nas funções cognitivas, na autoestima e no condicionamento físico. Esses efeitos protegem o sujeito de ocorrências de desequilíbrios tanto na saúde mental quanto física. A partir desse estudo, as/os autoras/es identificaram a importância do desenvolvimento de ações de intervenção e prevenção voltadas para programas de atividades físicas cuja finalidade é propiciar e potencializar os fatores protetivos e recursos pessoais que os estudantes possuem.

As/os autoras/es supracitados também apontaram que a qualidade das relações afetivas junto aos familiares da/o estudante faz diferença na saúde mental deste/a, pois identificaram que essas relações transmitem segurança, amor e acolhimento, o que auxilia na redução do sofrimento, sendo também um fator protetivo. Essas relações ainda possibilitam a sensação de bem-estar, o que promove uma melhor adaptação a situações novas e estressoras. Em suma, notaram que quanto maior o suporte familiar, menores são as frequências de comportamentos de risco e o desenvolvimento de transtornos mentais comuns. Por fim, observaram que ambientes naturais possuem demasiada eficácia na promoção do bem-estar das/os universitárias/os, uma vez que esses locais possibilitam sentimentos de conforto aos estudantes. Cabe ressaltar que também foi averiguado que espaços projetados cujo intuito seja promover o acolhimento também podem gerar efeitos similares aos ambientes naturais. Citaram a importância da instituição universitária constituir espaços de relaxamento e descanso para a comunidade acadêmica, ampliando assim o seu espaço que normalmente é destinado somente para a produção acadêmica (Penha; Oliveira; Mendes, 2020).

Encaminhando a discussão sobre fatores protetivos, encontramos na pesquisa de Sudo e Irala (2023) apontamentos sobre como o desenvolvimento do bem-estar atua diretamente de modo positivo no processo de aprendizagem e no sucesso acadêmico. Assim, o bem-estar se relaciona a diversos elementos como o ambiente de aprendizagem; o próprio espaço físico; a cultura de origem; as diversas relações que o sujeito possui; a acolhida da família, além de

questões genéticas, dentre diversos outros fatores. Identificaram que o bem-estar promove o florescimento acadêmico, o que está relacionado com a saúde mental, por isso a importância no desenvolvimento de mais pesquisas que tratam sobre o bem-estar, sobretudo, por encontrarem um número limitado de pesquisas que tratam sobre o bem-estar e o florescimento acadêmico (somente oito artigos, sendo todos no âmbito da graduação), e da elaboração de estratégias por parte das instituições de ensino cujo foco seja a promoção do bem-estar, propiciando uma valorização das potencialidades e a construção de laços sociais e culturais.

Galdino et al. (2018) realizaram uma pesquisa cujo objetivo foi identificar a qualidade de vida de estudantes de mestrado e doutorado em enfermagem, na qual 129 pós-graduandos participaram da pesquisa de três programas de pós-graduação em enfermagem de Universidades públicas da região Sul do Brasil. O conceito de qualidade de vida utilizado pelos/as autores/as se refere ao adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) cuja premissa parte da percepção do sujeito sobre a sua satisfação em diversos aspectos da sua vida, considerando seus objetivos, expectativas e preocupações.

Com esse estudo, Galdino et al. (2018) identificaram que os estudantes de pós-graduação possuem uma visão inferior quanto à sua qualidade de vida quando comparados a estudantes de graduação. Foi encontrado que há uma dificuldade em conciliar a rotina de uma/um pós-graduanda/o com a vida pessoal, sendo um desafio para essas/es, o que atua diretamente no bem-estar. Também observaram que o hábito do tabagismo, consumo de bebidas alcoólicas e os prazos exigidos para a defesa da dissertação/tese afetavam de forma negativa a qualidade de vida das/os estudantes. Em relação aos aspectos positivos que possibilitam a qualidade de vida dessas/es universitárias/os, identificou-se que as relações com os/as professores/as, a realização de atividades físicas e a satisfação com o tema de pesquisa contribuem significativamente, pois o corpo docente se situa enquanto um suporte acadêmico e emocional para os estudantes, enquanto a satisfação com o tema da pesquisa possibilita motivações para que o sujeito continue, sobretudo, pela dissertação/tese exigir um grau maior de complexidade.

4. PASSO III — LINHAS, FLUXOS E MOVIMENTOS RIZOMÁTICOS

4.1 A Caixa de Pandora

Segui para o local combinado da entrevista, a única presencial, e acabei errando o caminho. No GPS aparecia uma encruzilhada, com vários caminhos possíveis, e foi justamente isso que encontrei nas histórias que escutei: um emaranhado de fios. No fim, percebemos diversas linhas que se cruzavam em um emaranhado de fios sem fim ou começo fixos, pois cada fala já nascia conectada a inúmeras outras.

Começamos, então, por alguns desses fios: a história de Pandora ¹

Optamos por chamá-la de Pandora pois, assim como a personagem mitológica, ela também abriu uma caixa e viu escapar inúmeros sentimentos, dores e rupturas. No fundo, contudo, encontrou e conseguiu se agarrar à esperança, exatamente como a própria personagem.

Pandora se identifica como uma mulher branca, de 41 anos, heterossexual. Realizou o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Administração da UFV no período de 2020 a 2022 e, após uma pausa de dois anos, encaminhou-se para o doutorado. Como era servidora pública, buscava uma melhoria salarial, que sempre foi a sua principal motivação. Porém, também nos disse que possuía abertura para vivenciar, em algum momento de sua vida, a carreira acadêmica, como lecionar em uma instituição privada.

Pandora iniciou sua trajetória no mestrado com a expectativa de que esta fosse similar à sua experiência na graduação, marcada por uma leveza cotidiana, risadas e bons encontros com colegas e amigos. Porém, deparou-se com uma realidade totalmente diferente, que atravessou o seu corpo de uma forma jamais esperada; definiu essa fase como uma vivência terrível, traumática e solitária.

Pandora revelou que era cerceada por pressões, ausências por parte da instituição, falta de supervisão do seu orientador, além das questões familiares que lhe atravessaram. Para ela, esse percurso na pós-graduação sugou suas energias, assemelhando-se a um pesadelo. Com as palavras dela, para sentirmos um pouco do que sentiu na pele nesse período:

¹ Os nomes definidos para os/ás estudantes são fictícios e foram inspirados em figuras mitológicas e simbólicas, escolhidas a partir das intensidades que emergiram em cada narrativa acompanhada ao longo dessa pesquisa. Para esse diálogo foi utilizado como inspiração narrativas da mitologia grega e romana, além de figuras simbólicas que remetem à vivências de deslocamento, travessia e não pertencimento como O Estrangeiro (Bulfinch, 2006).

Eu fiquei muito traumatizada e eu não tenho boas lembranças do mestrado. As únicas boas lembranças que eu tenho foram amizades que eu fiz. Mas o mestrado em si não trago boas experiências, não tive assim... foi muito suado, muito, muito difícil.

A estudante vivenciou uma espécie de solidão também, pois, ao longo do período do mestrado, sentiu que a coordenação daquela pós-graduação não fornecia informações que eram de importância para os/as estudantes naquele momento e, em sua percepção, não havia uma abertura para escutar os/as alunos/as. Para ela, a longo prazo, isso foi sugando a sua vida, sobretudo porque se identificava como uma pessoa muito comunicativa. Sentia que a sua voz foi sendo calada nessa experiência, pois havia uma demasiada dificuldade na comunicação com a coordenação. Nesse sentido, Pandora dizia que havia uma desorganização em relação aos prazos para determinadas entregas, sendo tais datas comunicadas em cima da hora. Citou, por exemplo, o prazo da defesa do projeto, que não havia sido informado de modo oficial com antecedência. Cada novo comunicado insurgia em seu corpo o sentimento de desamparo, preocupação, desespero, ansiedade e angústia, o que foi tornando a jornada cada vez mais desafiadora e desgastante. A falta do suporte do orientador pesou ainda mais nessa fase e afirmou várias vezes que, por não possuir uma experiência com pesquisa, teve que aprender tudo sozinha.

A mestranda disse que a sensação era de que a coordenação ou os/as professores/as não se importavam com o estado emocional dos/as estudantes; a preocupação era somente que cumprissem os prazos, mesmo que fossem estabelecidos de última hora, e isso foi cerceando a sua potência de vida. Além disso, havia ficado cada vez mais difícil lidar com o cotidiano fora da instituição, pois o mundo também atravessava o período da pandemia da COVID-19. Em muitos momentos, ela se viu tomada por sentimentos negativos como demasiada tristeza, ansiedade, angústia, uma cobrança excessiva, solidão, de forma mais clara e com suas palavras: “a minha saúde mental estava péssima, péssima, eu achei... chegou um momento que eu achei que iria surtar”.

Pandora também relatou que houve um momento mais delicado ainda em sua vida, o que se somou a tudo que já estava acontecendo: o problema de saúde enfrentado por seu irmão. Assim, ela, que cursava o mestrado, trabalhava oito horas por dia e vivia desafios na família, estava às voltas com inúmeras questões. Seu viver foi se reduzindo a essas problemáticas, não sobrando espaço para respiros ou momentos de lazer e prazer.

Ao relatar sobre seu irmão e seus familiares foi possível perceber que era uma temática sensível para ela, pois sua voz se alterou, sua linguagem corporal ficou mais retraída, além de ter surgido uma tensão no ar. Ela apontou que foi necessário adiar a defesa de sua qualificação diante do problema de saúde de seu irmão, pois disse que não conseguia se concentrar e focar nos estudos sabendo que ele não estava bem. Nesse momento, ela retornou para a sua casa com os familiares e investiu sua energia nos cuidados com a família. Contudo, ela não conseguiu expressar muito sobre essa vivência e respeitei o seu limite, pois havia ali uma atmosfera muito densa. Por isso, esse ponto não foi tão explorado quanto os outros, mas foi possível captar que essa relação familiar a afetou demasiadamente naquele período. Ressalto que o impacto surgiu não somente do problema de saúde com seu irmão, mas da relação familiar como um todo, pois em sua breve fala, apontou que não era uma relação tranquila: havia conflitos e diversas dificuldades.

Ela também compartilhou um pouco sobre o seu trabalho; na época, ela deveria cumprir uma jornada de oito horas diárias, o que foi mais um elemento dificultador, tendo em vista que deveria conciliar esfera acadêmica, profissional e pessoal ao mesmo tempo. Apontou que, apesar da carga horária intensa, conseguiu perceber que a modalidade remota a auxiliou bastante, na medida em que conseguia construir a sua própria rotina. Como era o período da pandemia, seu trabalho também passou para essa modalidade. O que se mostrou mais complexo não foi o trabalho em si, mas as diversas demandas que se inter cruzaram nesse momento, apontado por ela como uma fase muito difícil de sua vida. Pandora se deparou com essas três instâncias da sua vida que continham múltiplos desafios, sendo a responsável por conciliar tempo, sustentar as escolhas e decidir por quais caminhos iria prosseguir.

A partir dessas rupturas de suas bases, já que foi perdendo os espaços e momentos que até então lhe geravam energia vital, surgindo alguns movimentos de resistência por parte de sua turma de pós-graduação, como a criação de um grupo no WhatsApp denominado “desesperados no mestrado”. Nesse espaço, os/as estudantes se auxiliavam e criaram uma rede de apoio que ajudou muito Pandora. Ela guardou esse coletivo em sua memória com muito carinho, ressaltando: “as únicas boas lembranças que eu tenho foram amizades que eu fiz no mestrado”.

A partir desse movimento, surgiram outros que abriram espaço na vida de Pandora, como o início do processo psicoterapêutico e psiquiátrico, a utilização de óleos essenciais e o contato com os amigos. Novos fios teciam-se. Ela mesma relatou que a partir dessa rede de

acolhimento com os colegas, a vida foi ganhando novos contornos, mesmo que pequenos no início: ao longo do tempo, contudo, essa mudança fez toda diferença em sua trajetória.

Quando conversamos sobre saúde mental, ela nos mostrou algo tão potente e bonito que seria a impossibilidade de encaixar esse conceito em algo fixo e unilateral. Para ela, saúde mental, na verdade, trata-se da sua vida na totalidade, tudo aquilo que a compõe: o que ela vai realizando no dia a dia, o que vai sentindo ao longo dos dias, as suas relações, as suas vivências. Em resumo, Pandora nos revela que saúde mental é uma trama viva:

Eu acho que tudo da vida da gente, o que a gente faz no dia a dia vai compor a saúde mental. As emoções, acho que as emoções da gente vai.. flutuam muito acho que impactam muito, mas de outra maneira também eu acho que o dia a dia da gente faz parte dessa saúde mental. Agora assim se somando mesmo acho que todos os passos da vida de certa maneira ela vai influenciar né ter saúde mental.

Contudo, diante de tantos atravessamentos e, sobretudo, pelo fato de sua vivência ter sido marcada pelo trauma, poderíamos nos perguntar o que a motivou a se inscrever no doutorado, exatamente no mesmo programa? Ela novamente revelou que seu desejo pela melhora de salário foi a mola impulsionadora dessa escolha. Assim, depois de conquistar seu título de mestre, Pandora fez uma pausa de dois anos em sua trajetória acadêmica e ingressou no doutorado no Programa de Pós-Graduação em Administração no ano de 2024.

Ao narrar essa nova experiência, ficou nítido como Pandora está mais feliz e leve, visto que o seu tom de voz ao contar sobre o curso mudou. Ela mesma ficou surpresa com a sua decisão em ingressar no doutorado, e, aliás, todos ao seu redor se preocuparam com ela pelo nível de adoecimento em que se encontrou na fase anterior de estudos. No entanto, ela destacou que, até aquele momento de nossa entrevista (no primeiro semestre de 2025), estava contente com a sua escolha. Ela havia percebido a importância de manter a sua rotina para além da vivência acadêmica, assumindo que realizar a sua atividade física, sair aos fins de semana com os amigos, manter o acompanhamento psicológico e psiquiátrico, sentar e assistir à televisão, manter momentos de lazer, eram pilares para o seu bem-estar. Pandora tentou manter esses hábitos e laços muito vivos, pois aprendeu que quando a experiência da pós ocupava todo o espaço da sua vida, acabava não lhe sobrando ar para respirar.

Pandora também disse que, na sua experiência com o doutorado, houve muitas mudanças na coordenação do programa, havendo uma melhor organização e estruturação,

além de ter feito uma escolha mais consciente acerca de seu orientador. Segundo ela, o suporte dele era essencial, o que a fazia se sentir muito acolhida, pois ele a escutava. A comunicação, algo tão importante para ela, agora encontra espaço tanto institucionalmente quanto com o seu orientador. Um ponto importante que ela percebeu é que, em conjunto com a comunicação, sentir-se acolhida também lhe trouxe muito movimento: acolhimento que envolve a relação com a instituição, com o coordenador e com sua turma de doutorado. Deixamos esse trecho que revela a potência da fala de Pandora sobre como encontrou a esperança e a mantém em seus dias atuais:

Do doutorado, eu acho que vejo uma certa superação/evolução, eu acho que seria assim.. uma evolução pessoal como estudante. Consigo me ver mais como estudante de pós-graduação porque até então eu me senti uma farsa no mestrado, porque eu não conseguia ter essa visão de que eu realmente fazia pesquisa. Hoje eu consigo mais ver essa parte de uma superação, a de ter... a satisfação de certa maneira, de estar conseguindo fazer, de estar seguindo os passos, estou em dia com as coisas que eu preciso entregar. Eu sinto que tem um desafio muito grande para mim, principalmente na hora de coletar dados; sei que vai vir esse desafio, mas não é uma coisa que eu estou assustada, desesperada com isso. Eu sei que vai ser desafiador, mas eu sei também que eu tenho condições de fazer e eu sei os limites que eu também vou encontrar. Eu já tenho um pouco mais de noção disso, então assim vou ralar, mas eu vejo que tem como fazer e acho que essa experiência do mestrado me fez evoluir nesse sentido assim. Depois de tantos traumas, passa, você não vai morrer com aquilo, porque a impressão que eu tinha no mestrado era que eu ia me matar, mas isso passa, vamos viver uma etapa de cada vez. Me fortaleceu muito, muito e assim eu acabei ajudando outras pessoas que vieram depois; eu falo calma, de ser a calma da pessoa que era o que precisava, que eu não tive ninguém para me mostrar; aí eu falo que vai passar.

Percebemos que a saúde emocional de Pandora estava atrelada às redes de acolhimento e de apoio que construía. Quando esses espaços se destituíam, emergiam experiências de desamparo e desespero. A solidão apresentada nessa trama apareceu como um fardo não somente devido à ausência de companhias, mas havia ali uma exigência de se sustentar sozinha diante das diversas demandas que estavam a atravessavam. Ao longo do mestrado, ela foi percebendo que lhe era exigida uma postura distinta daquela à que estava adaptada: não havia um sustento que a conduzisse passo a passo, era ela quem deveria buscar as âncoras e decidir por quais caminhos seguir, além de ser necessário bancar cada escolha feita. Essa experiência foi vivenciada por Pandora como desamparo, aprender sozinha foi visto como um fardo e não como um processo imanente à existência.

Os conflitos familiares que a atravessaram nesse período também exigiram que ela fosse a pessoa a cuidar, decidir e solucionar. Nesse ponto, não era ela quem era amparada, mas quem deveria desempenhar essa função. Tanto na pós-graduação quanto nas relações familiares, a ausência de uma condução pareceu produzir angústia, tristeza e desamparo em Pandora. Assim, percebemos que em sua história não se evidencia somente a dificuldade em relação à autonomia, mas a importância do acolhimento como organizador de seu estado emocional. Quando ela consegue tecer redes de apoio, encontra força, maior segurança e esperança para seguir; por outro lado, quando se depara com uma autonomia sem acolhimento, emerge o desamparo. O acolhimento em sua história aparece como uma mola que a direciona a se sustentar e se constituir.

Esta é a história de Pandora, que ao abrir a caixa encontrou muito mais do que imaginava ou sequer sabia: afetos, sofrimentos, trocas e a esperança que emergiu quando menos esperava. A partir dessa fresta, percebemos que a sua trama de vida se espalhou, rompeu e recompôs em múltiplas direções. Aqui, começamos a ver os primeiros vislumbres da sua realidade como rede rizomática; sigamos esses fluxos para ver como a saúde mental se tece, justamente, no emaranhado de linhas vivas.

4.1.1 O Que Escapa da Caixa: saúde mental em linhas rizomáticas

Ao iniciar a escrita dos capítulos que costuram as vivências e conceitos, acreditei piamente que seriam traçadas exclusivamente as linhas de esgotamento, as intensidades que apertam, desgastam e drenam os/as estudantes da pós-graduação. Mesmo sabendo que cada linha carrega em si aberturas, me via diversas vezes tentando permanecer apenas no campo do sofrimento. Porém, ao seguir as narrativas dos/as discentes e ser conduzida pelo próprio movimento da cartografia, percebi que o campo não se deixava reduzir ao esgotamento, sobretudo, por iniciar pela história de Pandora. A escrita foi abrindo frestas, nas quais se anunciava o sofrimento, mas também emergiam deslocamentos, pequenos desvios, invenções de vida. Assim, esse capítulo tornou-se menos um mapa de linhas de esgotamentos e mais a composição de uma dança, à qual me referi no início desta caminhada: aquela em que vida e morte se entrelaçam continuamente e que, como bem nos lembram Deleuze e Guattari (1997), evoca a mobilidade em um rizoma e seus movimentos de subjetivação.

Diante disso, resgatamos o conceito de rizoma apresentado por Deleuze e Guattari (1995) como uma teia conectiva enquanto um processo dinâmico de ligações. A partir de uma

perspectiva filosófica, sua composição abriga princípios fundamentais, tais como a conexão e a heterogeneidade, os quais possibilita que qualquer ponto de um rizoma possa se conectar a qualquer outro; isto é, cada traço conecta-se a diversas cadeias semióticas, como instâncias de poder, política, biológicas, econômicas, artes, dentre outras. Por isso, um rizoma é caracterizado por não ser uma unidade estática, nele coexistem linhas que, mesmo distintas, se cruzam e se inter-relacionam, pois ele é constituído a partir de dimensões, como nos dizem os autores: “Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda” (1995, p. 43).

Foi isso que emergiu na história de Pandora: a saúde mental revelou diversas saídas e entradas, e encontramos em sua trama existencial múltiplas conexões que se intercruzavam. Em sua fala, não houve a associação desse conceito a algo estático; pelo contrário, a própria Pandora nos disse que a saúde mental, para si, estava vinculada às suas tramas de vida, a tudo aquilo que está em constante movimento. Trata-se de um plano permeado por forças de intensidade que variam de acordo com o próprio desenrolar da vida ou até mesmo a partir de diversas formas de manejar as múltiplas relações vivenciadas, o atuar e o estar no mundo (Carvalho, 2013).

A trama de Pandora, que, conforme ela mesma aponta, diz respeito à sua saúde mental, revelou-se como uma composição múltipla, permeada por uma diversidade de atravessamentos. A cada ponto que ela apresentava, logo se conectava a outro; encontramos ali múltiplos fios com diversas entradas e saídas. São movimentos que se desdobravam a outros diversos aspectos da sua vida, ou seja, Pandora nos revelou seu plano de ligações, o movimento contínuo da tessitura da sua própria rede de significações para a saúde mental. O que se evidenciou em sua história foi uma trama viva, composta de múltiplas conexões.

Por isso, Pandora foi nos contando sobre toda a sua trajetória. Lembremos de que iniciamos somente com uma pergunta: “como você identifica o que compõe a sua saúde mental enquanto uma estudante da pós-graduação?”; no entanto, o que ela nos mostrou foi a sua própria história, passando por aspectos que iam da vivência acadêmica à sua vida pessoal.

Percebemos como não há um ponto fechado: a partir da sua história encontramos uma abertura, tecida por uma multiplicidade de elementos afetivos, relacionais, institucionais e existenciais. Ou seja, trata-se de uma teia viva na qual tudo se conecta. Essa perspectiva nos permite compreender a saúde mental de Pandora como rede rizomática, reconhecendo, dessa

forma, que a sua realidade foi e é constituída por um emaranhado de conexões que se inter cruzam, bifurcam e se refazem, em um processo contínuo de múltiplas entradas e saídas, tal como em um rizoma.

Na composição de um rizoma também se encontra a multiplicidade; no entanto, Deleuze e Guattari (1995) propõem que ela não se localiza em um sujeito ou em um objeto, mas nas dimensões que crescem a partir de uma alteração de sua própria natureza. Os autores apresentam como exemplo a marionete que, ao se movimentar a partir da mão de um sujeito, também o move, estando este inserido em diversas outras redes, contidas em outras redes que se contêm mutuamente. Portanto, um agenciamento refere-se a um crescimento de dimensões que se opera em uma multiplicidade, alterando a sua natureza na medida em que expande as suas conexões, como podemos captar nas composições da saúde mental de Pandora.

Percebemos essa multiplicidade na narrativa de Pandora quando ela foi apontando como a sua saúde mental se encontrava em redes que se inter cruzavam, como a família, os amigos, as expectativas acadêmicas, as exigências e pressões, relação com o orientador e com a instituição de ensino, além do seu trabalho externo. Aqui percebemos de que maneira os agenciamentos se constituem na conexão com elementos externos à sua vivência de estudante; isto é, parece que a saúde mental se agencia justamente nesse ponto de expansão de conexões.

Nesse caso, o rizoma, enquanto multiplicidade, aparece na articulação entre esses elementos (relações interpessoais, vivência acadêmica e vida pessoal), abrindo espaço de expansão. Em suma, a multiplicidade se evidencia na trama entre composições afetivas, relacionais, familiares que se expandem, chocam-se e rearranjam-se, produzindo linhas e formas de experienciar a pós-graduação; pudemos perceber isso na maneira pela qual Pandora vivenciou o sofrimento e se encaminhou para novas construções. O agenciamento aqui ocorre justamente no entrelaçamento dos diversos campos de sua vida, a saúde mental se produz nessa expansão de conexões, variando entre arranjos e desarranjos.

Também encontramos a presença da ruptura em um rizoma, que aponta como esse pode ser rompido em qualquer uma de suas linhas ou traços sem que isso o extermine; pelo contrário, essa ruptura abre diversos caminhos. Um exemplo apontado pelos autores mostra que não é possível destituir as formas, tendo em vista que mesmo destruindo a maior parte delas, isso não as impede de se reconstruírem. Podemos perceber esse elemento no campo da saúde mental como uma abertura de linhas que não se desenhavam anteriormente, consistindo em uma oportunidade para a produção de si mesmo e de suas relações, exatamente como a

história de Pandora. Essas rupturas tornam-se visíveis quando ela vai nos contando sobre como foi perdendo o espaço em seu viver. Em alguns momentos, a sua vida foi se resumindo à vivência acadêmica: se antes possuía momentos que lhe geravam prazer, naquele período tudo foi se desmoronando e abrindo passagem para novas criações (Carvalho, 2013; Deleuze; Guattari, 1995).

Nessa caminhada, foi possível captar que Pandora compreende o conceito de saúde mental como algo profundamente ligado às suas próprias vivências: ou seja, não se trata de algo externo, mas que nasce de suas experiências. Ao tecer sobre essa noção, ela não conseguiu dissociá-lo de sua história, cada fala se costurava aos seus percursos existenciais. Como vislumbramos, não houve uma definição de saúde mental que a reduzisse a algo fixo e único, pelo contrário: o conceito se expandia e se destrinchava em múltiplos sentidos e tramas. A saúde mental se revelou como um mapa vivo, apareceu como trama rizomática, composta de fios que se conectavam, rompiam e se reinventavam perenemente.

Em meio às composições da saúde mental de Pandora, vimos emergir um entrelaçamento entre algumas intensidades que se conectavam, tensionavam, endureciam e, por vezes, se destituíam. Linhas de esgotamento surgiam com mais nitidez, mas, em seu rastro, desenhavam-se outros fluxos que se conectavam a elas: as linhas de vida. Captamos a conexão entre esses traços, os que drenam geravam rompimentos que, por sua vez, abriam frestas para forças que possibilitavam novas criações de mundos. Seguimos, então, para o próximo passo, adentrando um pouco mais nesse mapa conectivo.

4.1.2 Linhas de Esgotamento... e Linhas de Vida

Na minha escuta, permiti-me ser guiada pelas linhas, pelas intensidades que meu corpo captava, estando aberta para fazer passagem para as forças que se compunham a cada encontro. Nesse processo, senti exatamente aquilo que Deleuze e Guattari (1995) anunciam: “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (p. 24).

Encontramos, portanto, nas tramas de Pandora a linha de intensidade que saltou ao longo de nossa conversa: a vivência da pós-graduação associada ao adoecimento psíquico e aos múltiplos movimentos de vida.

Acompanhando essa linha de intensidade, captamos que o sofrimento psíquico não provinha de uma única fonte; havia ali múltiplas forças afetivas, institucionais, relacionais que

foram compondo a existência na universidade e para além dela. Pandora relatou as diversas relações de sua vida, tais como a familiar, a profissional e a institucional, as quais foram se entrelaçando de tal forma que passaram a engoli-la aos poucos, sobretudo por começarem a gerar sofrimento. O sofrimento apareceu marcado por alguns elementos como a ansiedade, insegurança, sentimento de culpa, conflitos relacionais, cobrança e pressão excessivas, estresse, e no cansaço que transbordava. Nosso intuito não é a descrição dos sintomas, mas buscamos seguir os movimentos que os produziram, compreendendo-os como efeito de desterritorialização dos seus territórios existenciais.

Por isso, consideramos importante traçar um percurso que passe, inicialmente, pela noção de subjetividade e, em seguida, pelo território existencial. Guattari (1992) nos afirma que as máquinas tecnológicas e de comunicação afetam e produzem a subjetividade tanto ao nível cognitivo, como a memória e inteligência, quanto aos afetos e ao inconsciente. Em função disso, o autor os denomina de máquinas de subjetivação que também atuam por meio da família, da educação, da religião, da arte, do esporte, da indústria da mídia, dentre outros.

A subjetivação produz e atua diretamente em todos os aspectos que compõem a vida de um sujeito. Ela afeta tanto a dimensão extrapessoal, a exemplo os sistemas maquínicos sociais e tecnológicos, quanto o campo extra-individual, que abarca a forma como sentimos e somos afetados; fabricando assim formas de ser, agir e pensar, ou seja, produzem-se criações de mundo. Portanto, estamos nos referindo a máquinas que produzem e mantêm o controle social, delineando formas de pensar e perceber o mundo (Guattari; Rolnik, 1996).

Os autores partem da proposição de que a subjetividade seria uma dimensão produtiva e, por isso, identificada como algo de natureza industrial, maquínica; ela é fabricada e modelada numa multiplicidade na qual entram em relação estéticas, políticas, econômicas, linguagens, e o próprio inconsciente. Acompanhando esse raciocínio, encontramos a seguinte afirmação teórica acerca da produção de subjetividade:

As máquinas de produção da subjetividade variam. Em sistemas tradicionais, por exemplo, a subjetividade ~ fabricada por máquinas mais territorializadas, na escala de uma etnia, de uma corporação profissional, de uma casta. Já no sistema capitalístico, a produção industrial se dá em escala internacional (Guattari; Rolnik, 1996, p. 25).

Podemos identificar, assim, que todo e qualquer modo de subjetivação capitalística, ou seja, os fluxos que provém da linguagem, da família e demais setores que cerceiam a vida de todos, não diz respeito a somente um montante de ideias. Trata-se de máquinas produtivas que mantêm o controle social, bem como instâncias psíquicas que delineiam formas de pensar, perceber e produzir um mundo.

Simonini e Romagnoli (2019) consideram, a partir dos trabalhos de Deleuze e Guattari, que a subjetividade não é algo interior a um sujeito, mas uma experiência plural na qual o “interior” é uma dobra do “exterior”, sendo que tal “exterior” é uma dimensão em multiplicidade. A ideia central é a de que um indivíduo se constitui enquanto uma dobra de subjetivação nessa multiplicidade, possibilitando, dessa maneira, a criação de um mundo. Portanto, há diversos mundos com suas complexidades e ampliações. Retomamos a Rolnik e Guattari (1996) para adensar a discussão de que subjetivação é uma produção procedida por agenciamentos de enunciação, ou quando Guattari (1992) nos diz que a produção maquínica de subjetividade pode possibilitar diferentes vetores de produção de realidade, fomentando tanto a produção de produção, quanto a produção de antiprodução. Ou seja, tanto o pior quanto o melhor, e isso vai depender de como ocorrerá a relação entre os agenciamentos coletivos de enunciação.

Guattari (1992), portanto, sustenta que o processo de subjetivação é uma produção contínua e viva, estando sempre atravessada por intensidades. É justamente essa dinâmica que possibilita a criação de territórios existenciais. A noção de território existencial parte da relação entre os sentidos e as formas de expressão, ou seja, como apontam os autores: "(...) há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo" (Deleuze; Guattari, 1997, p. 27).

O território existencial é como uma assinatura rítmica; convém lembrar, contudo, que essa rubrica não é uma marca constitutiva do sujeito, é um traço que constitui uma morada. O território não é fixo, ele está em passagem. Podemos entender, assim, que tais passagens existenciais compreendem os modos pelos quais vamos criando uma maneira de existir, maneira essa sempre em agenciamento com diferentes expressões, uma vez que “o território é o primeiro agenciamento, a primeira coisa que faz agenciamento, o agenciamento é antes territorial” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 139). Por sua vez, Guattari e Rolnik (1996) propõem que todo território pode ser desterritorializado, podendo se abrir, sair do seu curso e até se destituir.

Nas narrativas de Pandora, percebemos como a pós-graduação, os problemas familiares e o contexto da pandemia covid-19 produziram rachaduras em seus territórios existenciais. Essas desterritorializações se apresentaram a partir da noção de sofrimento psíquico e foram marcadas a partir de algumas manifestações tais como ansiedade, sentimento de culpa, estresse, cansaço, insegurança, cobrança e pressão. Um elemento que parecia fazer forte composição com o território existencial dela referia-se à necessidade de acolhimento e proteção. Ansiava por uma experiência de cuidado que não encontrou na instituição e no trato com seu orientador de mestrado. A ausência de cuidado, por sua vez, fomentou angústias e o desespero de “ter que fazer tudo sozinha”. Não se constituindo pelo vetor da autonomia, mas pelo do cuidado, Pandora viu suas garantias de realidade vacilarem à medida que teve que se haver com problemas em diferentes dimensões, a exemplo dos estudos, da família e do trabalho. Ela atravessou essa tempestade sem sentir a segurança de que alguém a amparava. A questão é que, atravessando tal tempestade, parece que ela criou outros recursos para si, inventando-se em um diferente arranjo no qual a experiência de “estar só” pareceu se compor em um novo agenciamento que possibilitou olhar para si como capaz e, conseqüentemente, retornar à pós-graduação para realizar o seu doutorado.

Dessa maneira, compreendemos que não necessariamente a pós-graduação cerceou os territórios de subjetivação de Pandora, mas seu funcionamento permitiu pouco espaço para que outras territorialidades pudessem coexistir, sobretudo por se vincular ao contexto social daquele período.

Na sua fala, Pandora revelou que o sofrimento aparecia justamente no momento em que suas expectativas de acolhimento – e a construção de uma territorialidade marcada pela segurança afetiva – começavam a perder espaço. A vida passava a perder as zonas de expansão, sendo ocupada quase que exclusivamente pela lógica da produtividade acadêmica. Diante disso, ela passou a se preocupar excessivamente com as demandas da pós-graduação, de modo que, até nos momentos dedicados ao seu trabalho, seus pensamentos eram atravessados por impasses mal resolvidos da vivência acadêmica. Nesse movimento, ela passou a duvidar de si e de seu próprio potencial; sentia-se sempre em busca de resolver os problemas, os quais se acumulavam às outras exigências, a exemplos das questões familiares e da própria realidade em que se viu enfrentando pela primeira vez, em conjunto com toda a sociedade: a pandemia. O chão de Pandora foi cerceado por esses sentimentos que acabaram a aprisionando, inclusive fisicamente. Isso porque, até então, em seu território existencial, a

atividade física sempre fora uma prática importante para ela, especialmente como recurso para extravasar e relaxar. Todavia, esse refúgio deixou de ser possível, tanto pelo isolamento social quanto pelas demasiadas demandas da Pós-Graduação e do emprego.

Pelas falas tecidas por Pandora, fomos captando a maneira pela qual seu corpo passou a ser atravessado por sentimentos negativos de forma recorrente, tornando a ansiedade uma constante em sua vida. Todavia, à medida que se procediam essas crises territoriais, aos poucos também surgiam o impulso de criar novas formas de existir. Guattari e Rolnik (1996) nos mostram que, onde um território se desfaz, outro também se inicia. É nesse entremeio que retomamos o que dissemos no início: a saúde mental de Pandora se apresenta como uma realidade rizomática, em que cada ruptura abriu novos caminhos, e cada linha que se desmanchou conectou-se a outra, produzindo novas formas de existir.

Dejours e Abdoucheli (1994) destacam como a relação sujeito e trabalho também pode ocasionar o sofrimento criador. Nessa equação, ao contrário do desequilíbrio no sofrimento patogênico, há um equilíbrio entre as exigências do ambiente laboral, nesse caso do acadêmico, com os investimentos da economia psíquica do/a estudante. O trabalhador/estudante alcança um prazer e uma satisfação ao trabalhar, o desgaste ainda existente é utilizado como fonte para uma produção saudável. Traçamos esse diálogo por perceber que o sofrimento, apesar de em um primeiro momento gerar um embrutecimento de Pandora, posteriormente abriu frestas, exigindo não só dela, mas como dos/as colegas de turma novas criações de mundos que se iniciaram com o grupo “desesperados no mestrado”.

Pandora foi nos mostrando que, a partir dessa comunidade (grupo desesperados no mestrado) que se constitui no meio do caos, foram emergindo cada vez mais movimentos que reorientavam o seu viver. Durante o mestrado, as trocas que ela possuía com seus/suas colegas e o acolhimento de sua família – que, diante de seu desamparo, ofereceu suporte, escutando-a – ganharam potência e brotaram novos movimentos, tais como aqueles anteriormente apresentados: a busca pelo processo terapêutico e psiquiátrico e a descoberta dos óleos essenciais. Aos poucos, as desterritorializações foram trazendo respiros ou processos de reterritorialização, que, mesmo sendo frágeis no início, foram uma força potente que possibilitou novas invenções de mundos.

Aqui lembramos também que o processo de subjetivação está sempre em movimento, “exigindo” do sujeito a composição em agenciamentos que podem tanto estabilizar um lugar, desterritorializá-lo ou mesmo favorecer reterritorializações potencializadoras do movimento

de abertura para a construção de novas formas de existir, pois, conforme nos diz Brito (2012, p. 10): "Viver é criar, é expandir, é afirmar, é exercício plástico".

Dessa maneira, reterritorializar não significa retornar à antiga territorialidade, como bem nos lembram Deleuze e Guattari:

(...) De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua (1996, p. 45).

É justamente nesse entre-movimento que há passagem para a criação. É nesse entre, no momento em que algo se desfaz e começa o movimento de insurgir outra coisa, que se abre um espaço fértil para novas composições. Estamos caminhando nesse ponto: quando um território se desfaz, o que emerge ali? Vamos nos aproximando do que Deleuze e Guattari (1997) chamaram de devir, que não é uma saída ou solução, mas processo. É por esse entre-meio que seguiremos agora.

5. LINHAS EM TRAVESSIA: ENTRE TERRAS, TEMPOS, AFETOS E PERTENCIMENTOS

Como pudemos ver na história de Pandora, uma intensidade que se presentifica foram os laços construídos. A rede de apoio entre os colegas se constitui como uma estratégia de cuidado, o que abre múltiplas passagens para o seu caminhar. Encontramos essa mesma intensidade em outro relato, o d'O Estrangeiro. Ao longo de sua narrativa, ele nos mostra como percebe que a rede de apoio, os vínculos construídos ao longo da vivência acadêmica, são e seguem sendo cruciais para a sua trajetória de vida. Veremos, assim, como essas intensidades se inter cruzam, ao mesmo tempo em que se singularizam.

Apresentamos O Estrangeiro, estudante oriundo de outro país, a Guiné-Bissau, se identifica como um homem preto de 43 anos, heterossexual. Sua trajetória acadêmica continua sendo construída a partir de deslocamentos, tanto geográficos quanto simbólicos. Vivencia o mestrado na Universidade Federal de Goiás (UFG) entre 2016 e 2018 e opta por mudar de ares, deslocando-se para a Universidade Federal de Viçosa (UFV), no ano de 2025, local onde dá continuidade ao doutorado, compondo, por meio dessa travessia, novos atravessamentos, encontros e modos de existir.

É difícil ser estrangeiro nessas terras brasileiras, não somente pela cultura, mas, sobretudo, pela diferença climática que aparece como um atravessamento sensível de sua vivência. Vindo de um país marcado pelo calor, narra o estranhamento inicial diante do frio, que marca seu corpo e seu cotidiano. Ao longo de sua fala, O Estrangeiro nos revela o profundo apreço e carinho que nutre pela família. As relações de apoio e cuidado emergem em sua fala como uma força utilizada por ele nos momentos de maior tensão. Pontua sentir-se fortalecido ao se recordar das boas relações construídas com seus familiares, mantendo um contato frequente com os seus, mesmo à distância. É uma forma de manter vivo, em seu cotidiano, o calor de sua terra natal e dos laços ali estabelecidos. É justamente nesse calor, vivido de modo simbólico e relacional, que ele revela ter se reencontrado com uma característica que atravessa sua trajetória e pela qual demonstra grande apreço: a determinação. Não por acaso, inicia a sua narrativa mostrando a maneira pela qual esta é crucial em sua organização. Consideramos relevante apresentar uma de suas falas a respeito da relação que mantém com seus familiares:

Eu lembro do meu passado, me ajuda muito, de onde eu vim, isso me ajuda muito, dá me força para a academia. Isso me move, quando eu lembro da minha família, de onde eu vim, da minha trajetória dá me forças, me estimula de não de me desestimular.

Em sua vivência no mestrado, O Estrangeiro torna um pouco mais clara essa dupla frieza: a climática e a simbólica. O mestrado na Universidade Federal de Goiás se apresenta como um período marcado por dificuldades e por uma experiência mais isolada, visto que ainda não havia construído amizades mais sólidas. Relata que sua timidez o mantém, por um período, mais retraído em sala de aula. Por ser estrangeiro, despertou em seu íntimo um receio de ser prejudicado de algum modo, acarretando um isolamento ainda maior. Ao longo dos meses, percebeu que houve um comportamento de seus professores que provocou em si um deslocamento dessa posição: provocações que o estimulavam a refletir e participar ativamente dos debates. Embora essa postura mais interativa tenha sido difícil de ser desenvolvida no início e levado algum tempo para se consolidar, apontou que ela o auxiliou a se abrir mais para as trocas, não apenas no ambiente acadêmico, mas também nas relações tecidas ao longo dessa trajetória. Esse movimento ampliou os seus horizontes e possibilitou que fossem construídos laços de amizade. Novamente, percebemos como ele vai reencontrando o calor vivido de modo simbólico e relacional a partir dessas novas trocas e encontros construídos nessa vivência.

Assim como Pandora, O Estrangeiro também experencia uma intensa pressão durante o mestrado. Conforme a sua fala, emerge a sensação de estar sempre em dívida, produzindo, cumprindo prazos e, ainda assim, sentindo que algo sempre escapa, como se estivesse faltando alguma coisa. Apontou que havia muitas demandas, diversas atividades a serem realizadas e apresentadas em um curto espaço de tempo. Nesse momento, percebemos a dura frieza do ambiente acadêmico, tão distinta do calor de sua terra natal, dos familiares e dos vínculos que ali o sustentam e possibilitam suas construções de mundo. Diante disso, foi sendo engolido pelas exigências da pós-graduação e por uma descoberta até então desconhecida: a consciência de não dar conta de tudo o que lhe era exigido. A dificuldade de finalizar as produções nos prazos estabelecidos vai gerando um bloqueio, e o sofrimento vai ganhando cada vez mais espaço em seu corpo ao longo desse período. Somando-se a isso o fato de ainda não ter consolidado as amizades, passa a vivenciar um cotidiano que foi se estreitando, e uma tristeza começa a atravessá-lo de modo incisivo. Em suas palavras: “Para ser sincero, foi muito difícil, sofri muito, era uma pressão danada e era uma coisa nova pra

mim. O fator cidade também contribuiu, porque fui para uma cidade mais fria. Acho que teve um momento em que entrei em depressão no mestrado”.

O sofrimento vivenciado pelo Estrangeiro também pode ser compreendido a partir da psicodinâmica do trabalho apontada por Dejours (1992), uma vez que o sofrimento emerge do embate entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico do sujeito. Sob esse cenário, a intensa pressão e o sentimento de insuficiência, em conjunto com a ausência de laços, favoreceram o desencadeamento de um quadro patogênico. É nesse primeiro momento que vislumbramos a produção desse sofrimento que, conforme o autor supracitado, também se refere a uma estratégia de enfrentamento, ainda que gere bloqueio ou paralisação.

Relembramos um dos sintomas apontados por Dejours (1992): a insatisfação que ocasiona ao sujeito um sentimento de frustração e inutilidade, gerando, por sua vez, falta de sentido no ato de execução do trabalho. Para o autor, esses sentimentos podem produzir a vivência depressiva, o que se associa ao que foi pontuado pelo Estrangeiro, quando nos disse que vivenciou uma fase depressiva. Naquele momento, ele se encontrou totalmente bloqueado, havia ali uma ausência de investimento afetivo que foi gerando uma dormência da criatividade e um adormecimento mental.

O processo d'O Estrangeiro, apesar de ir ao encontro da história de Pandora, possui sua particularidade na medida em que sua subjetivação é atravessada por uma desterritorialização múltipla, envolvendo o espaço geográfico, o clima, a cultura e as relações interpessoais. A frieza pontuada por ele, tanto a física quanto a simbólica, nos mostra que a ausência de laços e de trocas, que para si são calorosas, atua como intensificadora de seu sofrimento psíquico.

Percebemos ainda que, diferentemente de Pandora, na qual a desterritorialização se processa de forma gradual, n'O Estrangeiro o que encontramos é uma ruptura abrupta que decorreu, a princípio, do espaço físico e se estende ao campo simbólico, relacional e cultural. Os territórios existenciais dele vão se desmanchando e sendo marcados por manifestações como o sentimento de isolamento e de insuficiência, a elevada pressão e a cobrança sentidas na pele, além da tristeza profunda que persiste por um longo período, o que produz um bloqueio criativo temporário (Guattari; Rolnik, 1996).

Evidencia-se na história d'O Estrangeiro o deslocamento de tudo aquilo que amparava o seu viver, como o próprio território físico, as relações interpessoais com os familiares, os amigos e a sua cultura. Esse chão que o sustentava se fragiliza; tudo que lhe fornecia

aconchego, calor e base foi deslocado. Ele se encontra como estrangeiro tanto em relação à cidade quanto a si mesmo, pois agora se via distante de seus alicerces. Como efeito da desterritorialização, que rasgou seus territórios existenciais, seus chãos vão ruindo e desorganizando seu modo de existir no mundo, colocando-o em uma espécie de suspensão.

O sofrimento que desencadeia o bloqueio vivenciado pelo Estrangeiro parece ser um efeito de todo esse deslocamento; seu corpo tentando reencontrar-se aos seus mapas organizadores ou, ainda, conforme nos dizem Dejours e Abdoucheli (1994), como campo de criação. Na experiência do mestrado na Universidade Federal de Goiás (UFG), o sofrimento inicialmente se presentifica pelo polo paralisante, manifestando-se como sofrimento patogênico, marcado pela dificuldade em construir laços, pelo isolamento e pela sensação de não cumprir todas as cobranças acadêmicas. Todavia, esse mesmo sofrimento passa a operar como base para uma produção saudável, o que se evidencia quando O Estrangeiro amplia sua vivência ao se implicar mais nas aulas e na construção de novas redes de apoio. Esse movimento possibilita a abertura de novas criações de mundos, novos chãos são produzidos: sua vivência não se restringe somente às tarefas e exigências da pós-graduação, mas também se expande para saídas com os colegas, momentos de diversão e pausas no tempo do estudo para assistir a jogos de futebol e relaxar. Assim, conseguimos vislumbrar, em seu percurso, as duas forças produzidas na organização do trabalho apontada pelo/a autor/a supracitado/a: o sofrimento enquanto estratégia em seu polo patogênico, inicialmente, e, posteriormente, como criação.

Recorremos novamente a Guattari e Rolnik (1996) para compreender o movimento de reterritorialização na história d'O Estrangeiro, o qual ocorre quando ele começa a se adaptar ao espaço físico, em conjunto com as trocas que ele vai tecendo com os colegas de turma, as quais o auxiliam a atravessar esse período. Segue uma fala que nos ajuda a vislumbrar melhor essa relação:

É interessante fazer amigos, às vezes você divide momentos, às vezes conversa com ele o que tá acontecendo contigo, isso ajuda muito. Também já percebi por que falo isso, porque é pela experiência, porque eu convivo com vários amigos, aí eu sei o que nós falamos e o que que eles falam de outros que já entraram em depressão por causa da morte de família, tio, avó, isso faz com que eles fiquem abalados. É muito importante, nessa fase, você ter os amigos. O tempo que você tira para lazer na sexta-feira, relaxar com os amigos, eu acho que isso conta, isso também é muito importante. Você vai lá, bota conversa, lembra de outras coisas, fala zoando do time... isso me ajuda muito.

Diante disso, podemos perceber a reterritorialização na construção de novos vínculos, que vai abrindo espaço para outras composições para O Estrangeiro, como encontrar modos de habitar o espaço, o tempo e a cultura à qual não estava habituado. Ele vai reorganizando o seu viver, produzindo novos sentidos, edificando novos mundos: vai tornando a experiência mais leve e resgatando pontos cruciais para si, como as relações familiares, a sua própria história de vida, de onde veio e a sua determinação. Consegue se reencontrar com o calor novamente, ainda que a partir de uma nova posição.

Ao finalizar o mestrado, O Estrangeiro retornou ao seu país originário, onde atuou no Ministério da Educação e também lecionou disciplinas no Ensino Médio. Aponta como foi importante realizar esse regresso, manifestando sua alegria em contribuir com seu país, visto que pôde compartilhar os aprendizados obtidos em seu percurso acadêmico. Esse movimento de retorno parece tê-lo conectado a alicerces como a família, os amigos, a terra natal, a cultura e a própria condição climática. Curiosamente, relata que a cidade onde realizou o mestrado era fria, elemento que emerge em sua narrativa como algo crucial e que, como captamos, associa-se à frieza institucional e relacional experimentada nessa fase. Dessa forma, o retorno à sua terra natal emerge em sua fala como um respiro em meio aos desabamentos que estavam acontecendo naquele momento. Trata-se de um movimento de reconexão e fortalecimento de seus territórios. Vale lembrar que, em sua trajetória acadêmica, o mestrado se apresenta como a fase mais difícil, marcada pelo isolamento e pela adaptação a uma cidade atravessada por um frio que incide não apenas no clima, mas nos próprios contornos da vida e na intensidade das múltiplas demandas acadêmicas.

A partir desse período, o participante inicia o doutorado na Universidade Federal de Viçosa (UFV), no ano de 2025, estando mais fortalecido, habituado e reconhecendo a importância dos vínculos para o seu viver. A construção desses laços aparece como um movimento transversal que lhe possibilita sustentar a vivência na pós-graduação e em um país estrangeiro. Há ainda a determinação, que ele nos diz ter resgatado, a qual também se apresenta como uma força produzida no encontro e no reconhecimento de pertencimento.

Ao traçar o seu percurso no doutorado, O Estrangeiro narra a importância dos laços construídos durante sua experiência no mestrado. É a partir dessa vivência que passa a identificar como as redes de apoio potencializam o seu viver. Assim, ao narrar sobre a rotina na UFV, enfatiza como os amigos são pontos cruciais em seu cotidiano e na sua própria

permanência na pós-graduação. Mantém, de forma intencional, momentos de encontro e diversão, tais como sentar em um barzinho para conversar e relaxar. Esses momentos parecem operar como espaços de sustentação que possibilitam o seu viver na pós-graduação, pois ele consegue compartilhar, elaborar e dialogar sobre o que o atravessa. Há, nessas trocas, uma possibilidade de ampliação do seu horizonte; a conexão com o outro lhe possibilita tecer sua experiência a partir das trocas, e não de forma isolada, como ocorreu em um primeiro momento no mestrado, o que acarretou um sofrimento paralisante.

Ionda (2004) traça uma linha potente sobre as amizades ao nos dizer que é por meio dos encontros que as vidas se cruzam, e é nesse ponto de intersecção que ocorrem aberturas e novas construções na história d'O Estrangeiro e também na de Pandora. Os encontros abrem novas tessituras, como podemos vislumbrar. É a partir das trocas e do acolhimento em sala de aula que ocorre o deslocamento do sofrimento patogênico para o polo criativo na narrativa d'O Estrangeiro.

Deleuze (1988), ao traçar sobre amizade em seu abecedário, aponta que se trata de uma questão de percepção, na qual o sujeito encontra, na partilha e nos aprendizados um movimento que possibilita novas aberturas. Os vínculos possibilitam novos movimentos e novas construções. O Estrangeiro amplia seu viver a partir dessas trocas cheias de novos ensinamentos, tanto que busca mantê-las em sua atual vivência, por compreender como foram cruciais no mestrado. É na amizade que ele pode compartilhar as dores, os pensamentos, as conquistas e os desafios, ou seja, o seu próprio viver, e, a partir disso, inaugurar fendas antes inimagináveis.

O conceito de transversalidade, proposto por Guattari (2004), dialoga diretamente com esse cenário d'O Estrangeiro. O autor introduz essa noção para problematizar o setting terapêutico, pois compreende que o que é acolhido na clínica provém de dois pólos: a história do sujeito, suas memórias e suas vivências, e o processo de subjetivação. Guattari (2004) compreende que também é preciso considerar tensões sociais e políticas que atravessam o sujeito e não reduzir a subjetividade ao psiquismo; ou seja, o sujeito é atravessado por múltiplas conexões.

Quando olhamos para a história d'O Estrangeiro, percebemos que, ao relatar a sua saúde mental enquanto estudante de pós-graduação — retomando a pergunta inicial de cada entrevista: “como você identifica o que compõe a sua saúde mental enquanto estudante da pós-graduação?” —, encontramos múltiplas conexões que atravessam seu corpo, englobando

elementos culturais, geográficos, sociais, políticos, existenciais, familiares e relacionais. Ele produz novas realidades por encontrar sustentação em movimentos em transversalidade (Simonini; Romagnoli, 2018).

Essa perspectiva, proposta por Guattari (2004), nos permite compreender que tudo é trama; nada se constitui de forma fixa ou isolada: há um entrelaçamento vivo de diferenças que se inter cruzam. Os movimentos em transversalidade possibilitam seguir, inventar e potencializar outras maneiras de viver, como encontramos na história d'O Estrangeiro, que, diante de diversos deslocamentos, produz novas formas de existir nesse novo território e inventa caminhos inéditos. Em sua fala, o estudante nos revela como hoje está contente com a realidade construída; relata gostar das trocas com os amigos, com os professores, com a orientadora e de sua própria rotina. Constrói novas bases, afirma estar satisfeito com o país e a cidade e encontra um novo calor, que se mantém a partir dos compartilhamentos e de sua história de vida. Ele nos conta como lhe dá forças recordar todo o caminho percorrido até a consolidação de sua jornada acadêmica no Brasil.

Tanto na história de Pandora quanto na d'O Estrangeiro, encontramos movimentos em transversalidade nas redes de apoio, que atuam na circulação de afetos, vivências e forças entre diferentes experiências. Os laços, em suas trajetórias, operam como planos de passagem, conectando histórias e permitindo a tessitura de novos caminhos. Além disso, permitem o deslocamento do polo paralisante do sofrimento para o movimento de criação e invenção de novos mundos (Simonini; Romagnoli, 2018).

Nas duas trajetórias, conseguimos captar como os movimentos em transversalidade possibilitam o deslocamento das forças organizacionais e institucionais que, em um primeiro momento, parecem engoli-los. Em suas narrativas, ambos revelam que se sentem pressionados e atravessados por diversas demandas, não restando tempo para o cotidiano além da pós-graduação. Contudo, os dois nos mostram que é na vida que escapa às normas acadêmicas, ou seja, nas trocas, nas conexões com suas histórias de vida, nos momentos de descanso, em tudo aquilo que compõe o viver, que se sustenta a vivência na pós-graduação sem ser capturada por ela de modo totalizante. É na trama de vida que se constitui um/uma pós-graduando/a, nas múltiplas linhas que se entrecruzam constantemente. É nesse movimento que se abre passagem para novos modos de habitar o espaço acadêmico, não como totalidade que captura o viver, mas como uma de suas múltiplas dimensões. A transversalidade permite que, tanto Pandora quanto O Estrangeiro, abram fissuras nas

estruturas organizacionais, possibilitando novas invenções de mundos e produzindo existires para além do que é dado a priori (Guattari, 2004).

É nessa dimensão de atravessamentos que encontramos a saúde mental como uma trama viva, produzida nas múltiplas relações e conexões que extrapolam a vivência acadêmica. Como em Pandora, encontramos também, na história d'O Estrangeiro, a associação da saúde mental como trama existencial, ou seja, como rede rizomática. Portanto, a transversalidade atua de modo rizomático, visto que articula diferenças, saberes, afetos e territórios, possibilitando o movimento contínuo de novas tessituras de mundos (Deleuze; Guattari, 1995; Guattari, 2004).

A seguir, apresentamos a noção de saúde mental para O Estrangeiro:

Saúde mental é vários tipos de situações, quando eu lembro da minha família, de onde eu venho, da minha trajetória, me dá forças, me estimula. Ah, eu acho que a minha determinação também, sou um cara extremamente determinado no que eu quero, acho que isso faz com que eu ultrapasse certas barreiras. A bolsa também é um incentivo porque, quando você tem bolsa, você tem dinheiro pra comprar livro, tem um dinheiro, por exemplo, para participar de tal congresso, tenho dinheiro pra matricular, comprar algo, é um incentivo que ajuda muito. Você precisa sair da zona de conforto, senão você não vai conseguir nada, relaxar um pouco, sair às vezes, sentar num barzinho, tomar uma, ouvir música, assistir a um jogo...

Diante disso, a transversalidade se apresenta como circulação de múltiplas conexões, a exemplo da cultura, do clima, da memória, do pertencimento, da relação com a bolsa e das demandas da pós-graduação, bem como as relações afetivas, dentre outras, que produzem uma teia pulsante. Novamente, ao resgatar a história de Pandora, também conseguimos captar essa dinâmica: a saúde mental se revela enquanto produção relacional. O Estrangeiro nos mostrou sua rede de ligações, que se revela como uma trama viva, composta por múltiplas conexões (Deleuze; Guattari, 1995).

Nas duas histórias que acompanhamos até o momento, a saúde mental não se desenha de forma estática ou unitária, mas, pelo contrário, se apresenta como algo constituído continuamente nas redes relacionais. Em ambas as trajetórias, a sustentação do viver não se dá por uma base estável, mas a produção de ligações que possibilitam a abertura de passagens, a recomposição de territórios e as tessituras de novos mundos, os quais emergem por meio dos encontros. Por isso, a saúde mental é vista como uma rede de múltiplas entradas e saídas que se expandem, se recompõem, se rompem e se reconectam continuamente, como em um rizoma; ou seja, a saúde mental é uma trama viva existencial (Deleuze; Guattari, 1995).

Se, em Pandora, os laços possibilitam invenções e deslocamentos diante do esgotamento, com O Estrangeiro, são justamente os vínculos que permitem recompor as desorganizações. Em ambas as narrativas, vemos como a saúde mental é um efeito dos vínculos que se tecem nas interações pessoais, afetivas, territoriais, temporais e existenciais. Por isso, não compreendemos a saúde mental como condição individual: é uma trama viva que se produz na circulação, nas múltiplas conexões; é rede rizomática.

Em suma, percorremos um caminho que nos possibilita captar a saúde mental como uma composição viva entre histórias de vida, exigências acadêmicas e institucionais, relações afetivas e condições materiais. Portanto, vemos que a saúde mental se agencia no ponto de expansão das múltiplas conexões, ou seja, tais os agenciamentos se vinculam a elementos externos à vivência da pós-graduação. A psicodinâmica do trabalho nos permite compreender como o sofrimento produzido na organização do trabalho se desloca e se movimenta continuamente. Quando O Estrangeiro constitui novos laços e se adapta ao país e à cultura, emergem diferentes aberturas, e o sofrimento passa a operar como força criadora.

6. LINHAS EM MOVIMENTO: RITMOS E DESCOMPASSOS DO VIVER

Acompanhamos as histórias de Pandora e d'O Estrangeiro, nas quais os laços atuaram como intensidades que permitiram múltiplos movimentos. Agora, somos convidadas/os a adentrar em uma nova dimensão que também atravessa a vivência na pós-graduação: a temporalidade. O cenário que se apresenta também é repleto de movimento, envolto em fragmentos, aberturas, acelerações e pausas. A partir de seus ritmos e descompassos, essa dinâmica possibilita invenções no dia a dia do estudante Saturno.

Saturno se identifica como um homem branco de 39 anos, heterossexual. Iniciou sua trajetória acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Administração da UFV em 2025. Atuando como técnico-administrativo nessa mesma instituição, buscava uma melhoria salarial com o ingresso no mestrado, além da possibilidade de progressão em sua carreira.

A vivência de Saturno, desde o início, se apresentou como desafiadora, principalmente pela necessidade de conciliar o trabalho com as demandas da pós-graduação. Em sua narrativa, emerge com força a sensação de não conseguir entregar cem por cento de si ambos os espaços, como se estivesse em um campo de batalha, no qual há duas frentes que disputam o seu tempo e sua atenção.

Ao traçar a sua história, Saturno aponta que o desejo de ingressar no mestrado o acompanhava desde a implantação daquele programa de pós-graduação, em 2010. Após uma primeira tentativa malsucedida, afastou-se do percurso acadêmico e, automaticamente, inseriu-se de forma mais direta no mercado de trabalho. Ainda assim, esse anseio pela docência e pela pesquisa se manteve e, quinze anos depois, conseguiu iniciar sua trajetória acadêmica.

O mestrado se apresenta para Saturno como uma vivência intensa, sobretudo pelas diversas demandas e pela escassez de tempo. A frequente negociação temporal, tensionada pela necessidade de conciliar trabalho, vida pessoal e exigências acadêmicas, foi reduzindo o seu viver. Momentos anteriormente destinados ao descanso foram se tornando raros, perdendo espaço em seu cotidiano. Ele considerava uma tarefa muito difícil dar conta de todas as leituras e dos trabalhos exigidos. No primeiro período do curso, disse ter se assustado com o ritmo das atividades, sobretudo por ter passado fins de semana inteiros imerso nos compromissos curriculares. Ao se deparar com o seu tempo todo consumido pela pós-graduação, experimentou um desespero que se manifestou em uma demasiada preocupação por não conseguir sustentar esse novo ritmo: *“Muito intenso e preocupante*

porque eu falei: eu não vou desse jeito até o final do período, eu não vou dar conta assim, vou pirar”.

Saturno acreditava na relevância do descanso, algo que, naquele momento, parecia inviável. A partir dessa compreensão, passou a buscar formas de experienciar o mestrado, sem “pirar”, como ele nomeia. Apontou como foi significativo ouvir um professor destacar a necessidade de manter atividades para além da pós-graduação, de não permitir que a trajetória acadêmica capturasse a totalidade da vida. Essa fala ressoou na pele de Saturno, pois defendia que a vida precisa ser desfrutada e não reduzida a uma única esfera.

Atravessado por um período muito intenso, marcado por múltiplos encargos, Saturno apontou estar bastante exausto e com grande dificuldade na conciliação das atividades do trabalho com a pós-graduação. Um dos efeitos que identificou desse cansaço foi o surgimento da irritação, algo que nomeou como inédito, uma vez que sempre se viu como uma pessoa muito calma. Ele notou o emergir de uma raiva difícil de controlar diante dos desafios cotidianos, associando esse estado a um elevado nível de estresse, produzido pela frequente pressão de dar conta de diversas exigências ao mesmo tempo.

Contudo, algumas estratégias o auxiliavam a sustentar esse novo ritmo em sua vida, como a prática diária de Crossfit, a qual busca realizar no período da manhã com a sua esposa. Aquele momento passou a ser um espaço de presença e alívio, marcado por trocas, brincadeiras e convivência com outras pessoas. Anteriormente ao Crossfit, ele gostava de jogar futebol aos fins de semana, mas foi necessário interromper a atividade devido às múltiplas demandas da pós-graduação. Por isso, empenhava-se em preservá-la como prioridade, em uma tentativa de não reduzir o seu viver apenas ao trabalho e ao mestrado.

Ao apontar a temática da saúde mental, Saturno a associava ao fato de estar bem consigo mesmo, sem alterações significativas de humor, como irritação, excesso de estresse ou cansaço constante. Todavia, reconhece que, em sua realidade atual, depara-se com dificuldades em realizar as suas tarefas corriqueiras com presença, pois se encontrava frequentemente atravessado por preocupações, ansiedade e irritação. Casado e sem filhos, ele se viu, em vários momentos, desejando o fim de semana para estar ao lado de sua esposa, que também é mestranda. Embora a sua jornada fosse em consonância com a vivência da sua esposa, o que, segundo ele, acabava pesando a rotina, Saturno contava com o auxílio dos pais nas tarefas do lar, o que para ele também funcionava como uma rede de apoio. Ainda assim, ao mesmo tempo que desejava o fim de semana, sentia ânsia pelo término daquele período

para retomar os compromissos do trabalho e da pós-graduação. Esse movimento o afetava muito, sobretudo pela dificuldade em se manter focado nas próprias vivências, estando sempre à espera do que o futuro traria. Para Saturno, o período da pós-graduação era uma fase marcada por desequilíbrios e desafios.

6.1 Entre tempos: capturas, ritmos e invenções do cotidiano

A história de Saturno é atravessada por ritmos e descompassos que vão compondo sua vivência na pós-graduação. A temporalidade que se presentifica em sua narrativa ora captura, ora abre possibilidades de invenção para o seu viver. O estudante foi aprisionado por uma constante tentativa de alcançar o tempo. Em sua fala, a cada nova informação, ele se deparava, repetidamente, com esse movimento: uma corrida sem fim atrás do relógio. É justamente nessa dimensão que Saturno constitui estratégias de enfrentamento e produz diferentes ritmos para o seu cotidiano.

Na narrativa de Saturno, percebemos como ingressar no mestrado o colocou em uma nova configuração: conciliar trabalho, vida pessoal e demandas acadêmicas, o que foi sentido por ele como uma intensa captura de seu tempo. Saturno experimentava um cenário similar às vivências de Pandora e d'O Estrangeiro, quando sentia a pressão ocasionada pelo ritmo instaurado em seu viver com a entrada no mestrado. Além disso, ele também se percebia sempre em busca de dar conta de tudo, aspecto que encontramos nas histórias anteriores. Como podemos vislumbrar, há pontos em comum nessas vivências. A mudança se dá na forma como cada estudante reage: O Estrangeiro se viu bloqueado e paralisado; Pandora foi atravessada por um sofrimento que a engoliu diversas vezes; enquanto Saturno viu seu tempo capturado, o que lhe gerou irritação, estresse e ansiedade.

As três histórias que percorremos são indicativas de como o fluxo da vida, quando começa a perder suas zonas de expansão e a se restringir quase exclusivamente às demandas acadêmicas, passa a produzir rachaduras nos territórios existenciais. Quando as pequenas constâncias do cotidiano, que permitem um sentido para o viver, vão se estreitando, iniciam-se novos movimentos que passam também, conforme encontramos nas vivências dos estudantes, pelo sofrimento, que se manifesta de distintas formas (Guattari; Rolnik, 1996).

Saturno, de uma experiência de pessoa calma, passou a estar quase sempre cansado, irritado, ansioso e preocupado, o que também podemos analisar pelo prisma da psicodinâmica do trabalho proposta por Christophe Dejours. Esses sintomas podem ser produzidos pelo

embate entre a organização do trabalho e a economia psíquica do estudante. Dejours (1992) nos mostra de que maneira essa tensão gera o sofrimento, o qual se manifesta de diversas formas, a exemplo do que vimos nas histórias anteriores (tristeza, ansiedade, sentimento de incompletude, cansaço, bloqueio, irritação, pressão e insegurança). Cada estudante sente e manifesta esse sofrimento de maneira singular.

No caso de Saturno, o sofrimento parecia se manifestar na dificuldade em regular seu tempo, visto que precisava constantemente conciliar tarefas do trabalho, exigências acadêmicas e vida pessoal, o que gerava cansaço, irritação e dificuldade de entrega ao desempenhar suas atividades. Naquele cenário, encontramos o sofrimento em seu polo patogênico, mas, assim como O Estrangeiro, Saturno também produzia movimentos que possibilitavam o sofrimento criador. Isso se mostra quando ele sustentava a prática cotidiana do Crossfit. Essa dinâmica era marcada, conforme ele relatou, como um espaço de alívio e diversão, talvez uma das poucas ocasiões em que conseguia se manter presente (Dejours; Abdoucheli, 1994).

Também podemos encarar esse movimento como uma tentativa de instaurar um ritmo diante do caos, já que essa nova realidade apresentada a Saturno (trabalho em conciliação com a pós-graduação e vida pessoal) estabeleceu um novo ritmo em seu viver. Para nos amparar nessa associação, encontramos o conceito de ritornelo que, no campo da música, se refere à construção de um refrão.

Luz (2020) discute a relação entre o conceito de ritornelo e o símbolo musical. O ritornelo indica que, naquele momento, é necessário retornar, isto é, sinaliza uma repetição. Porém, nas palavras da autora: “ele não se relaciona apenas com o tempo; ele é um símbolo de repetição espaço-temporal em uma partitura” (Luz, 2020, p. 62). O ritornelo cria uma conexão entre os componentes musicais, possibilitando uma temporalidade em movimento.

Luz (2020) ainda sustenta como o ritornelo está no “entre”: ele não se encontra no início de uma música, mas no meio dela. Essa relação nos desperta para o entendimento de que o ritornelo produz afeto no fluxo da escuta. Nas palavras da autora: “(...) o ritornelo, enquanto retorno e enquanto força não sonora, desperta e faz ouvir afectos” (Luz, 2020, p. 80).

Entendendo o ritornelo a partir da premissa de que a música e o ritmo se referem ao movimento e à percepção do temporal, torna-se possível compreender que ele opera a partir de intensidades, ou seja, percebemos o tempo muito mais pelo viés da afetação do que pelo

fator cronológico. Por isso, a repetição aqui encontra outra dimensão: não é um retorno ao mesmo, mas é na repetição que se criam diferentes entornos, novas intensidades. Um exemplo seria a experiência de explorar um labirinto: por mais que as passagens sejam similares, nunca se faz o mesmo percurso; há sempre algo novo (Luz, 2020).

Nesse sentido, podemos ver como o ritornelo é movimento. Captamos isso até mesmo quando Deleuze e Guattari (1997) o apresentam no quarto volume de *Mil Platôs*: ele está sempre em relação, associado a outros componentes, ou seja, em movimento. A partir dessa perspectiva, os pensadores utilizam o conceito como uma ritmação capaz de agenciar territórios existenciais.

Deleuze e Guattari (1997) nos mostram como o ritornelo remete, em sua repetição, a um movimento, à organização de um território, no qual, a princípio, em meio ao caos, busca-se uma estabilização provisória ao agenciar um conjunto de matérias de expressão que operam na produção de territórios existenciais. A repetição de um ritmo de subjetivação constitui consistências que configuram territórios existenciais; em outros momentos, os agenciamentos destinados a estabilizar esses mapas podem acelerar e/ou ser acelerados em deslocamentos capazes de fomentar desterritorializações. Estas, por sua vez, ao engendrar novos agenciamentos, podem constituir outros territórios. Em suma, há um movimento concomitante de instaurar um “dentro”, o que possibilita uma zona de sustentação, e de se expor para “fora”, permitindo a entrada do imprevisto e do novo. O ritornelo se apresenta, dessa forma, como um processo dinâmico de produção e movimentação do viver.

A partir disso, podemos compreender como o ritornelo atravessa os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização por meio de repetições que, ao desenhar esse território, produzem um mínimo de consistência. O ritornelo atua como um movimento contínuo de criação, não apenas sustentando refúgios, mas também os colocando em movimentação (Deleuze; Guattari, 1997).

Na narrativa de Saturno, a prática do Crossfit parece ser uma tentativa de criar uma consistência provisória mínima diante da desorganização temporal que o invadiu. Essa prática surgiu e atuou como uma repetição, ou melhor, como um refrão existencial que foi vivido por ele sendo um período de leveza e alívio; uma “melodia” de conforto a construir um território existencial diferente diante das demandas acadêmicas e laborais. Trata-se da criação de um território transitório que o auxiliou a sustentar o seu viver naquele novo cenário. Porém, cabe ressaltar que o ritornelo pode operar de outras formas também, a exemplo de uma insistência

rígida, tal qual ocorre nas experiências obsessivas, ao endurecer e cristalizar um cotidiano. No caso de Saturno, contudo, essa constância possibilitou uma abertura e uma reorganização provisória diante do caos vivenciado naquela etapa (Deleuze; Guattari, 1997).

Quando pensamos nas histórias anteriores, também identificamos ritornelos operando como forças de produção, uma vez que Pandora obteve acolhimento nos espaços de partilhas e nas redes de apoio que a auxiliaram a criar um novo refrão existencial em meio aos desabamentos daquele período. O Estrangeiro também encontrou possíveis repetições nas trocas e na conexão familiar, as quais o possibilitaram criar novos chãos em terra estrangeira. Assim, em cada história, a construção de uma consistência provisória se manifestou de formas distintas, mas a repetição se fez presente e permitiu novas tessituras, pequenos territórios em meio aos desabamentos que esses estudantes vivenciaram diante da experiência da pós-graduação (Deleuze; Guattari, 1995).

Tanto na história de Pandora quanto na d'O Estrangeiro vislumbramos o quanto os laços possibilitaram a circulação de afetos que permitiram a passagem do polo paralisante para novas construções. Vemos novamente os movimentos em transversalidade promovendo o deslocamento das forças organizacionais e institucionais, pois, nas três narrativas, é justamente na vida que escapa às normas institucionais que se torna possível sustentar a vivência acadêmica e produzir novas invenções de mundos (Guattari, 2004).

Os três percursos também nos mostraram como ocorrem alguns processos, a exemplo da desterritorialização que, na história de Pandora, vimos por meio do excesso de demandas, as quais produziram um esgotamento que fragilizou seu chão. Com O Estrangeiro, foi o deslocamento geográfico, climático e relacional que produziu rachaduras em seus territórios existenciais. E agora, em Saturno, encontramos esse movimento por meio da captura temporal que estreitou seus espaços de descanso e presença, além de produzir uma desorganização em seu ritmo de vida (Guattari; Rolnik, 1996).

Nos deparamos novamente com mais uma história que nos permite compreender a saúde mental como produção viva e relacional, marcada por encontros, desencontros e recomposições. Essa perspectiva nos possibilita encará-la como efeito provisório dos vínculos que se estabelecem em agenciamentos dotados de dimensões diferenciadas. Nas três narrativas, a saúde mental se apresenta como uma produção tecida nas múltiplas conexões entre dinâmicas afetivas, clima, condição financeira, trabalho, exigências acadêmicas e tempo. Vimos que, nesse fluxo de composições, há rompimentos em certas etapas, recomposições em

outras, expansão e estreitamento, pois um rizoma se constitui por linhas que se cruzam, desviam, se destituem e produzem novas passagens, novos caminhos. Por isso, percebemos como as forças em transversalidade atuam de modo rizomático, havendo uma articulação entre diferentes dimensões que possibilita uma contínua construção de novos mundos. (Deleuze; Guattari, 1995; Guattari, 2004).

Pandora, O Estrangeiro e Saturno nos mostram que sustentar a vivência na pós-graduação se dá justamente na trama da vida, em que as múltiplas linhas que compõem o viver de cada um/uma se inter cruzam constantemente, o que pode tornar a existência mais ou menos habitável. As três narrativas também manifestaram que esse processo os confronta com uma mesma questão: como sustentar a vida quando determinadas dimensões institucionais estreitam o viver? Como vimos, cada um/uma foi encontrando a sua forma singular de criar novos ritmos (Deleuze; Guattari, 1995; Guattari, 2004).

7. LINHAS DE TENSÃO: CONFLITOS, PERTENCIMENTOS E MODOS DE EXISTIR

Nos aproximamos agora de mais um percurso de vida que se entrelaça às duas tramas anteriores: a história de Prometeu. Começamos vislumbrando uma de suas falas, que manifesta a importância dos laços na vivência da pós-graduação:

Eu acho que uma coisa que nos últimos anos que comecei a associar muito, foi a questão do bem-estar às relações que eu tinha. Eu realmente passei a crer cada vez mais que sim, a qualidade das relações. Os atos que você tem ali, influenciam muito, muito e são determinantes pra essa questão. Não só isso, mas que influenciam muito. Se eu for pensar no desgaste, alguma coisa que eu tive, que ocupou a minha mente foi mau contato com outra pessoa ou aquilo que me fez sentir bem por ter tido o bom contato. Que nem essa colega lá, né, assim foi bom debater, conversar por ser de outro país, então assim foi um contato também, né. Então, cada vez mais eu passei a associar meu bem-estar mental com essas relações. Pra mim, saber lidar com o conflito com o outro, no meu caso, né, não consigo lidar muito bem. Então, se fosse falar assim, algo que eu ainda tenho que projetar na vida como que vou lidar com conflitos interpessoais. Porque o contato e a qualidade do contato afetam a minha saúde mental.

Essa fala de Prometeu nos mostra mais um fio conectivo das histórias que estamos acompanhando: os laços construídos ao longo da trajetória acadêmica que possibilitam novas construções de mundos. O que veremos é que, apesar de se conectar às histórias anteriores, sua trajetória também traça suas singularidades.

Prometeu se apresenta como um homem pardo, de 30 anos. Realizou seu percurso acadêmico na Universidade Federal de Viçosa (UFV), iniciando pela graduação em Administração, cursada entre 2016 e 2022. Durante a graduação, teve a oportunidade de vivenciar a Iniciação Científica, mas não gostou da experiência pela própria rotina da mesma e, assim, durante a graduação se desviou um pouco do percurso da pesquisa. Mas, quase no fim do curso, pensou que a área da pesquisa poderia ser uma opção naquele momento, já que o fato de não ter realizado muitos estágios acabou sendo, em sua perspectiva, um fator prejudicial para entrar no mercado de trabalho. Dessa forma, a sua entrada no mestrado se deu em 2024, influenciada pela falta de perspectivas em relação ao mercado de trabalho.

Em sua trajetória na pós-graduação, Prometeu foi traçando alguns fatores que o afetaram e, para acompanharmos essa vivência, começamos captando que ele foi o único que,

ao responder a pergunta “como você identifica o que compõe a sua saúde mental enquanto estudante da pós-graduação?”, nos disse que associava saúde mental ao adoecimento psíquico, algo que se presentificava em sua vivência acadêmica.

Ele foi nos revelando que, quando estava tudo bem em sua vida, dificilmente pensava em sua saúde mental. Porém, a partir do momento em que ficava ansioso, inseguro ou vivenciava conflitos interpessoais, a temática se sobressaía aos seus pensamentos. Ao traçar sobre a sua saúde mental, se direcionava principalmente para os momentos de preocupação, dificuldade e sofrimento. Um exemplo foi o esquecimento de um documento durante a submissão de seu projeto de pós-graduação para o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), que o afetou profundamente. Disse ter ficado extremamente ansioso, preocupado, triste e se culpando por ter cometido um erro daquela natureza. Chamou-nos atenção que em sua narrativa, a saúde mental aparecia sempre entrelaçada aos momentos em que algo saía do esperado, sendo associada aos conflitos, as inseguranças e a forma como buscava lidar com essas experiências.

Seguindo nessa linha de pensamento de associar saúde mental a sofrimento, Prometeu apontou que um dos primeiros atravessamentos de sua trajetória na pós-graduação foi a necessária alteração da proposta inicial de seu projeto de pesquisa. Isso ocorreu porque o professor que inicialmente o orientava desenvolvia pesquisas com a temática da previdência, enquanto ele pretendia investigar questões relacionadas à transparência no sistema de ensino. Teve, então, muita resistência nesse processo de mudança de tema de pesquisa, ao ponto de não compreender o motivo pelo qual vários colegas puderam manter seus projetos originais, enquanto ele precisaria abrir mão da temática que havia dedicado muitas horas de estudo. Justificou essa resistência apontando que havia reunido um material considerável para a construção do referencial bibliográfico do projeto de pesquisa, além de ter investido tempo na compreensão daquele campo. Em sua narrativa, o incômodo não se referia somente à alteração do tema em si, mas ao fato de ter que abrir mão de algo que já havia investido tempo e energia, enquanto outros estudantes poderiam seguir com as propostas iniciais.

O primeiro passo para enfrentar esse obstáculo foi a mudança de orientador. A escolha do novo orientador foi feita pela coordenação do curso e, embora ainda não pudesse pesquisar o que desejava, iria manter a pesquisa no campo da Educação, estudando o programa

Pé-de-Meia². Diante do risco de ter que alterar seu projeto, abandonando a perspectiva da pesquisa na Educação, ficou muito frustrado e triste por ter perdido tantas horas de estudo e trabalho, o que gerou ansiedade, desgaste emocional e insegurança. Captamos algo que foi emergindo em sua narrativa: experiências marcadas pelo embate, nesse momento, relacionada à necessidade de reorganizar um percurso que havia planejado seguir de outra forma.

Para além da tensão referente à sua temática de pesquisa, também se viu afetado por alguns conflitos com professores, conflitos estes gerados por divergências políticas e ideológicas. Cabe ressaltar que Prometeu optou por não nos esclarecer sobre o núcleo dessas discrepâncias, mas afirmou que, se em sua graduação as discussões em sala de aula, instigadas pelos professores/as, eram mais voltadas para questões práticas como a atuação profissional ou voltadas para o campo quantitativo, no mestrado tais discussões possuíam um cunho mais filosófico, sobretudo em uma disciplina específica, em que eram apresentadas como *teorias mais críticas da escola de Kant* (expressão usada por Prometeu). Apesar dele não explicitar quais eram as posições que defendia ou que lhe geravam desconforto, sua narrativa nos oferece algumas pistas. Seu incômodo parecia estar mais relacionado à forma como as discussões circulavam em sala de aula do que propriamente ao conteúdo em si. Em alguns momentos, ele apontou que não havia abertura para pontuar o que achava a respeito. Sentia que não era possível expressar sua opinião, pois as perspectivas eram postas como verdades absolutas. Todavia, Prometeu também reconhece que possui dificuldade em aceitar opiniões diferentes das suas, o que acaba por lhe gerar um desgaste emocional, somando-se com a frustração da alteração de seu projeto. Essa compreensão nos chama atenção, pois parece que o embate não se restringe aos conteúdos trabalhados em sala de aula, mas parece organizar-se na forma como Prometeu se relaciona com o mundo, como se estivesse sempre a postos para um novo conflito.

Sentiu-se deslocado e perdido nessa fase, contudo, ao acompanharmos a sua história, percebemos que esses sentimentos não decorreram da completa ausência de acolhimento, visto que houveram momentos de acolhimento que Prometeu encontrou na pós-graduação. O programa possibilitou a mudança de orientação e a sua permanência na investigação de temas relacionados à educação, além de outros espaços também como as trocas e amizades

² Programa de incentivo financeiro-educacional instituído pela Lei nº 14.818, de 16 de janeiro de 2024, destinado a promover a permanência e conclusão escolar dos estudantes matriculados no ensino médio público, por meio da concessão do incentivo financeiro. O intuito é democratizar o acesso à educação e a redução da desigualdade social (Brasil, 2024).

estabelecidas que foram cruciais em seu percurso, algo que também percebemos nas narrativas anteriores de Pandora, d'O Estrangeiro e de Saturno. A rede de acolhimento parece possibilitar novos contornos para o viver dos/as estudantes.

Em sua narrativa, entretanto, percebemos que os conflitos ocupavam um lugar central, pois ele parecia sentir a necessidade constante de se defender. Ainda assim, captamos algo interessante: foi justamente nos encontros e nas trocas, nas quais podia partilhar as inseguranças, medos, ansiedades e perceber que seus colegas, sobretudo a peruana, também vivenciavam algo semelhante, que se abriram espaços de acolhimento. A necessidade de defesa parece ter perdido força nesses momentos, possibilitando novas tessituras para além das tensões. Deixamos uma fala dele para vislumbrarmos melhor essa relação:

Acho que primeiro é isso, me senti muito perdido. Mas na medida em que fui fazendo colegas, até tem uma colega peruana, aí também vendo que [a colega peruana] tá quase na mesma situação de estar perdida, então assim foi uma coisa compartilhada. Aí os outros colegas também têm uma sensação de perdido, de ansiedade assim né.

Durante o primeiro semestre, percebia que estava sempre estressado ou em estado de alerta, visto que estavam acontecendo situações que o deixavam frustrado, nesse caso: a alteração da temática de seu projeto e do orientador; as divergências com o professor e a defesa do seu projeto, visto que precisou realizar a apresentação em dois momentos. Preferiu não entrar em detalhes sobre o ocorrido, mas destacou como ficou ansioso e estressado com o processo dessa defesa. E em seu receio de fracasso, Prometeu escolheu pausar algumas atividades que anteriormente lhe geravam prazer, como a natação e as aulas de mandarim, que foram sendo deixadas de lado para que o projeto ocupasse o centro de seu viver. Percebeu que sua vivência no mestrado tinha sido marcada por afetações negativas e identificou como a academia foi “roubando” o seu viver. Segue mais uma fala sobre essa afetação:

Eu tive que abandonar a natação e a aula de mandarim porque aí eu pensei: neste semestre eu não consigo porque senão eu não vou fazer nem coisa nem outra direito. É o projeto demandando, então acho que a sensação de que a vida realmente, a vida tá toda sugada pelo projeto. Isso aí dá uma certa angústia; quase que não é vida mais. Só desenvolver o projeto.

Podemos perceber, a partir dessa vivência e das anteriores, que as tensões criadas com a organização acadêmica dos prazos e expectativas de produtividade podem estreitar o viver dos/as estudantes, restringindo os espaços de relaxamento e oportunizando sofrimentos potencialmente patológicos.

Em conjunto com esses atravessamentos, Prometeu também sentiu o peso da pressão institucional. Disse que ficou muito inseguro por receber bolsa e ter vivenciado alguns conflitos com o professor devido às suas discordâncias. Começou a sentir receio de perder o auxílio financeiro ou até mesmo ser prejudicado de alguma forma, como a possibilidade de algum docente ser mais rigoroso com ele. Ao falar desse medo, trouxe um episódio em que um colega foi repreendido por ter entregado o mesmo artigo em duas disciplinas. Vivenciava, assim, um estado de tensão; um medo de ser atacado, de ser questionado e/ou repreendido. Ao ir pontuando Prometeu manifestou ler as insatisfações de alguns professores por meio de movimentos sutis, não verbais. Embora não tenha sido revelado a natureza desses gestos, estes emergiram como um indicativo de uma postura mais rígida, de uma cobrança para além do habitual e de uma mudança na forma de tratamento. Assim, podemos perceber como esse detalhe, para Prometeu, que se mantinha em estado de alerta devido ao receio de possíveis embates, parece ter operado como mais uma informação que contribuiria para essa vigilância.

Mas, aos poucos, foi encontrando acolhimento, o que abriu frestas e pontes para Prometeu. O acolhimento para ele pareceu estar conectado ao fato de poder falar e ser escutado, visto que, ao falar dos laços construídos traçava como se sentia aceito. E, se teve uma experiência de se ver não considerado no trato com um de seus professores, teve uma experiência mais potente com uma outra docente com quem teve aula. Essa professora foi acolhedora para com ele por permitir que expressasse suas ideias, o que fez com que se sentisse participante da aula. Criaram diálogos em sala de aula, que eram atravessados por questionamentos e reflexões que ele considerava válidos e práticos. Questionamentos como “como você aplica isso no contexto da sua pesquisa?”. Do mesmo modo, ao relatar sobre seus colegas e sua amiga peruana, também retratou algo similar: um espaço de trocas, sendo possível compartilhar seus desafios e perceber que os colegas também vivenciavam algo próximo. O movimento de se expressar, ser ouvido e ouvir parece ser um elemento organizador para Prometeu.

Nesse sentido, ele se aproximou aos poucos dos/as colegas de turma, e, ao compartilhar e ouvir as vivências desses/as, foram sendo tecidos laços importantes entre

eles/as. Se durante a graduação em Administração o seu ciclo de amizades foi mais com estudantes de outros cursos, no mestrado sentiu uma recepção maior por parte dos/as colegas de sua turma, sendo que havia espaço para diálogos e os/as estudantes se ajudavam no enfrentamento dos desafios cotidianos. Apesar dos laços construídos serem cruciais para ele, apontou de modo mais enfático a qualidade de sua relação com a estudante peruana. O laço com ela se construiu nas trocas em sala de aula, visto que era de sua turma. Essa relação se tornou uma ponte de suporte mútuo, os dois se auxiliam frequentemente e mantiveram conversas que permeavam a realidade vivenciada na pós-graduação, as diferenças culturais, vivências do percurso da graduação, gostos no geral e reflexões sobre o futuro profissional, conforme ele, há muita confiança e reciprocidade nesse laço. Dessa forma, o acolhimento encontrado nos laços de amizades e nas aulas com outros professores foi abrindo frestas e possibilitando novas tessituras ao seu viver.

Outro fator que se apresentou em sua história foi sobre ter morado sozinho durante um tempo, o que acabou deixando-o mais isolado, visto que na graduação morava no alojamento estudantil da UFV, estando sempre cercado de pessoas. Embora não tenha exposto a duração desse isolamento, ele apontou que fez diferença em sua vivência e o afetou profundamente, gerando-lhe ansiedade e tristeza. Percebemos que esse tempo de solidão pode ser associado a outras experiências de isolamento que Prometeu enfrentou: quando não sentia acolhido pelo professor, quando sentia o medo constante de errar e perder a sua bolsa ou o próprio mestrado. Quando identificou que esse isolamento estava lhe aumentando o nível de sua ansiedade e tristeza, mudou-se para uma república estudantil na mesma cidade, Viçosa-MG. A mudança, para ele, fez toda diferença, pois possibilitou o início de novas trocas e novos laços de amizade foram se construindo. Aos poucos, foi se sentindo melhor, marcando como a rede de acolhimento ressurge em sua história, possibilitando sustentar a vivência na pós-graduação.

Sintetizando a trajetória de Prometeu na pós-graduação, esta se iniciou a partir da alteração de seu projeto de pesquisa, o que começou a produzir ansiedade, desgaste emocional e insegurança. Posteriormente, houve a necessidade da alteração do orientador, além das divergências em sala de aula com um de seus professores, algo que produziu um estado de alerta, pois sentia que a qualquer momento poderia acontecer algum novo problema. Dessa forma, a sensação de perda, ansiedade, estado de alerta, tristeza e insegurança parece nos indicar movimentos de desterritorialização que produziram desmoronamentos nos ritmos instaurados até então para o viver de Prometeu. Porém, simultaneamente ocorrem novas

movimentações como a própria alteração do orientador, manter sua pesquisa na área que possui afinidade (Educação), os encontros construídos com os colegas de turma, o acolhimento que sentiu com a professora e a amizade com a peruana parecem ter possibilitado novos contornos para a sua trajetória. Podemos captar como os movimentos de desterritorialização e reterritorialização ocorrem simultaneamente nas próprias movimentações do viver (Guattari; Rolnik, 1996).

Podemos igualmente abordar as manifestações sintomáticas (ansiedade, tristeza, insegurança, estado de alerta e desgaste emocional) vivenciadas por Prometeu a partir da psicodinâmica do trabalho proposta por Christophe Dejours. Como acompanhamos nas narrativas anteriores, esses sintomas podem ocorrer devido ao embate entre a organização do trabalho e a economia psíquica do sujeito (Dejours, 1992). Na experiência de Prometeu em um primeiro momento houve o sofrimento patogênico, quando houve um estreitamento do seu viver às exigências acadêmicas como abandonar atividades que lhe geravam prazer como mandarim e natação, além de ficar cerceado pelas tensões dos conflitos interpessoais e as dificuldades advindas dessa nova realidade como estudante de pós-graduação. Todavia, assim como Pandora, O Estrangeiro e Saturno, Prometeu a partir dos laços tecidos, especificamente pelo acolhimento, realiza deslocamentos em relação ao sofrimento patogênico. A partir das trocas com os colegas, a possibilidade de fala em sala de aula com a professora, a amizade com a peruana, o sofrimento passa a operar como força criadora, possibilitando novas aberturas que o permitem sustentar e criar novos enredos para a sua vivência na pós-graduação sem que fosse totalmente capturado por ela (Dejours; Abdoucheli, 1994).

Prometeu, em meio às tensões e inseguranças, inventou pequenos momentos de respiro. O acolhimento encontrado na convivência, sobretudo na escuta e na aceitação pelos colegas, parece ter produzido pequenas frestas em uma vivência que foi marcada, em muitos momentos, por conflitos e tensões. Os laços parecem se mostrar novamente como uma abertura para sustentar o viver na pós-graduação e tecer novos ritmos possíveis.

7.1 Entre conflitos e acolhimentos: tessituras do viver

Prometeu foi o único estudante que associou o conceito de saúde mental ao adoecimento mental. Como vislumbramos, compreendia que estar ansioso, inseguro ou envolvido em conflitos interpessoais se referia à sua saúde mental. Todavia, a partir de sua narrativa, a saúde mental (e não necessariamente o adoecimento) se apresenta justamente nas

tramas ali traçadas, na rede de conexões que engloba conflitos, pertencimentos, inseguranças, pressão acadêmica e vínculos construídos no percurso. A saúde mental se agencia nas múltiplas afetações produzidas nos encontros, nos conflitos interpessoais, nas tensões institucionais, nos espaços de escuta e acolhimento, nos laços construídos, no medo do fracasso, no isolamento, nas mudanças em seu projeto e nas experiências vivenciadas nessa trajetória. Seu percurso, nos mostra a saúde mental como rede rizomática, como uma trama viva que se produz nas múltiplas composições que atravessam o seu viver (Deleuze; Guattari, 1995).

Com a narrativa de Prometeu, novamente, podemos ver como a saúde mental dos/as estudantes do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Viçosa (UFV) se tece nas redes relacionais, como uma trama viva que se produz nas múltiplas conexões que compõem o viver de cada estudante. Dessa forma, a sustentação do viver diante do estreitamento produzido pelas dimensões institucionais se constrói nas múltiplas conexões que ora se rompem, ora se recompõem, abrindo e expandindo, possibilitando novas construções de mundos (Deleuze; Guattari, 1995).

Cada estudante criou novos ritmos para seu viver: Pandora, a partir dos laços, teceu novas invenções e deslocamentos diante do esgotamento; O Estrangeiro, também a partir dos vínculos, criou novas composições e se deslocou do isolamento e das desorganizações que haviam lhe gerado sofrimento; Saturno, diante da captura temporal que produziu uma desorganização em seu ritmo de vida, conseguiu traçar novas aberturas e ritmos existenciais, e, por fim, Prometeu que encontrou nos acolhimentos, encontros e espaços de escuta, possibilidade para sustentar as tensões vivenciadas em sua trajetória acadêmica. As narrativas que acompanhamos nos mostram estudantes atravessados por múltiplas intensidades institucionais, afetivas, existenciais, temporais, territoriais e relacionais que compõem o modo de existir de cada um/uma, ou seja, a saúde mental se produziu rizomaticamente.

Como acompanhamos nas histórias anteriores, houve rachaduras nos territórios existenciais quando a vida foi capturada pelas exigências acadêmicas, o que desencadeou algumas manifestações como ansiedade, estresse, irritação, paralisação, angústia, isolamento e sentimento de insuficiência. Porém, também acompanhamos que, em meio a essas rachaduras, que promoveram desorganizações nos ritmos até então instaurados – novas tessituras também emergiram, sendo possível novas aberturas.

O desmoronamento dos chãos de Prometeu se iniciou a partir da alteração de seu projeto de pesquisa, o que começou a produzir ansiedade, desgaste emocional e insegurança. Posteriormente, houve a necessidade da alteração do orientador, além das divergências em sala de aula com um de seus professores, algo que produziu um estado de alerta, pois sentia que a qualquer momento poderia acontecer algum novo problema. Percebemos ao longo de sua narrativa um movimento constante de expectativa de embate, como se ele estivesse sempre à espera de novos conflitos. Essa percepção se manifestou nos episódios relatados e também na sua forma cautelosa em expor alguns acontecimentos ou responder determinadas perguntas. Esse movimento nos possibilita captar que as tensões não se manifestaram somente a partir das situações, mas parece habitar na forma de Prometeu tecer as relações, isto é, sua forma de se relacionar com o mundo. Compreendemos assim, que ele não apenas vivenciava os conflitos, mas se organizava a partir da expectativa do embate. Por isso, os espaços de escuta parecem ter ganhado força em sua narrativa, possibilitando novas aberturas.

Acompanhando a trajetória de Prometeu, podemos perceber como as novas movimentações, tais como os laços tecidos com os colegas de turma, a amizade com a peruana, o sentir-se escutado pela professora e a mudança para a república estudantil, permitiram que ele construísse novos enredos para a sua caminhada acadêmica. Parece que esses espaços de troca, acolhimento e escuta possibilitaram a produção de consistências mínimas diante de todas as tensões experimentadas por ele na pós-graduação, sobretudo porque tais vivências se diferenciavam das anteriores que eram marcadas por tensões. O acolhimento encontrado nessas relações parece ter gerado nele uma possibilidade de existir para além da esperada, que era estar sempre pronto para se defender de um possível conflito. Assim, os acolhimentos foram de suma importância em sua trajetória, visto que permitiram a invenção de novas formas de habitar o espaço acadêmico, tornando esse ambiente um pouco mais habitável.

Cada estudante produziu novos refrões existenciais diante dos desabamentos experimentados na vivência da pós-graduação: Pandora, também a partir do acolhimento advindo dos laços, criou novos contornos ao seu viver e se deslocou do esgotamento; O Estrangeiro encontrou possíveis repetições na conexão familiar e nas redes de apoio que lhe permitiram encontrar simbolicamente o calor, que mesmo distinto do sentido em sua terra natal, ainda assim o possibilitou a criar novos chãos em terra estrangeira; Saturno encontrou no Crossfit um espaço de presença e alívio, um refrão existencial que possibilitou existir

diante da captura temporal feita pela pós-graduação. E Prometeu que nos mostra como o refrão existencial se localizou mais na repetição do acolhimento e escuta. Os laços que marcaram a sua trajetória se mostraram como espaços possíveis para partilhar suas inquietações, ideais e encontrar reconhecimento. Portanto, o ritornelo opera como movimento que a partir da repetição possibilita a produção de pequenas estabilidades diante das desorganizações, possibilitando novas variações, novas construções de mundos (Deleuze; Guattari, 1997).

Em todas as histórias acompanhadas encontramos movimentos em transversalidade; encontramos a circulação de múltiplas conexões como acolhimento, captura temporal, cultura, clima, demandas acadêmicas e institucionais, relações interpessoais, tensões, desabamentos, pertencimentos dentre outras tantas que vimos e que permitiram a criação de novos enredos. Captamos que na pós-graduação há uma circulação de movimentos, e foi justamente no momento em que esta ameaçava capturar o viver dos/das estudantes, e tudo começava a desmoronar, que concomitantemente iniciavam-se movimentos de invenções. Nessa circulação, foi possível que os/as discentes produzissem novos ritmos, transformando o polo adoecido em potência. Dessa forma, captamos que os movimentos inventivos não surgem apesar dos desabamentos, mas são movimentos que fazem parte das próprias rupturas. Que possamos lembrar que não há separação: eles ocorrem de modo concomitante e, claro, a pós-graduação possibilita múltiplas movimentações.

Nessa rede rizomática que fomos acompanhando como o tempo todo o que se destaca são os movimentos contínuos que atravessam as vivências dos/as estudantes, o que nos permite traçar mais um diálogo com outro conceito: o devir. Deleuze e Guattari (1997) ao traçarem sobre devir pontuam que estar em devir não se refere ao movimento de tornar-se algo fixo, mas é nas intensidades que atravessam os corpos que se encontram os movimentos que, em muitos casos, possibilitam o encontro de conexões inesperadas. Dessa forma, as dimensões em devir não crescem de forma linear, fixa, mas se expandem em um rizoma, criando conexões inesperadas, abrindo passagens e novas tessituras para o existir. Nas palavras dos autores:

Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco ele é uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. Toda crítica estruturalista da série parece inevitável. Devir não é progredir nem regredir segundo uma série (Deleuze; Guattari, 1997, p. 18).

Simonini (2015) também nos ampara nessa discussão quando pontua que o conceito de devir é atravessado pela noção de movimento. Em uma perspectiva rizomática, o sujeito está em constante processo de transformação, na produção de realidades a se tecerem nos encontros, nas trocas e nas mestiçagens. Assim, a realidade é produzida continuamente a partir das conexões, encontros e afetações, não existindo separadamente desses movimentos. Porém, é preciso atentar para o fato de que esses processos, ao mesmo tempo em que permitem a construção de novos mundos, também podem gerar desestabilizações. Sendo assim, as dimensões em devir não devem ser encaradas por uma vertente moralista como algo belo e libertador, pois os mesmos movimentos que geram abertura também podem desorganizar e produzir sofrimento.

Encontramos os movimentos em devir em todas as histórias acompanhadas; os movimentos se produziram nos encontros, nas tensões, nos deslocamentos e invenções diárias: Pandora se movimenta do esgotamento a partir dos laços que a auxiliou a se deslocar do sofrimento que em muitos momentos a engoliu; O Estrangeiro vivenciou alguns deslocamentos como geográfico, cultural e afetivo que o permitiu criar novos chãos para sustentar a existência em terras estrangeiras; Saturno diante, da captura temporal, criou novos ritmos para sustentar essa nova experiência. E Prometeu que diante as tensões, inseguranças, frustrações e expectativas de novos embates, encontrou no acolhimento, sobretudo pela escuta e aceitação possibilidade de aberturas para sustentar o viver na pós-graduação e criar novos ritmos. Dessa forma, cada estudante diante da questão: como sustentar a vida quando determinadas dimensões institucionais estreitam o meu viver? foi produzindo movimentos nesse entre-meio que em alguns momentos desorganizou um pouco mais, em outros tantos possibilitou novas construções de mundos. As dimensões em devir ganham acelerações ou retenções nos processos contínuos de deslocamentos e afetações, e nesse cenário da pós-graduação, nesses entre-movimentos que atravessaram os estudantes e possibilitaram a produção de novas invenções cotidianas (Deleuze; Guattari, 1997).

Diante disso, os conceitos que atravessam esta caminhada (rizoma, território, desterritorialização, reterritorialização, ritornelo, transversalidade e devir) nos possibilitaram acompanhar a dimensão processual das vivências dos/as estudantes, que se transformam continuamente por meio dos encontros, das afetações e intensidades que compõem as suas tramas de vida. Portanto, esta cartografia rizomática, ao buscar acompanhar como as composições relacionais no cotidiano das/os estudantes do Programa de Pós-graduação do

Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade Federal de Viçosa (UFV) podem potencialmente afetar sua saúde mental, nos oferece pistas, convidando-nos a percebê-la não como um estado fixo, mas como uma trama viva e em constante movimentação e produção.

8. PISTAS PARA NOVAS TRAVESSIAS

Cartografar a geografia das intensidades e das afetações dos e das estudantes me possibilitou dar passagens a movimentos inimagináveis. Afinal, mesmo quando eu tentava seguir por determinados caminhos, o que emergia no corpo durante os encontros me direcionava a outros rumos. Isso me permite pensar que chegar a este ponto do percurso não foi algo pré-definido e estabelecido, mas sim produzido no próprio fazer da pesquisa, conforme Lopes (2004), quando nos aponta que o caminho em uma investigação cartográfica é tecida em seu próprio desenrolar.

Por isso, esse final não significa que alcançamos a linha de chegada na qual descobrimos a verdade por trás das composições relacionais que atuam na saúde mental dos/as estudantes, pelo contrário: a proposta é traçar mais um pouco sobre os agenciamentos, as conexões e produções que permearam essa trajetória. Vale ressaltar que essa caminhada exigiu captar as intensidades de saúde e doença compostas nos movimentos inventados pelos/as participantes, o que implicou em aprender a habitar os próprios fluxos desse processo. Dessa forma, este último capítulo surge como uma tentativa de abrir espaços a novas construções, uma vez que a cartografia nos convida a seguir processos em constante movimento. Talvez seja mais proveitoso encerrar essa travessia deixando algumas pistas e marcas que foram produzidas na pesquisa e em mim, enquanto pesquisadora.

Acompanhando as tramas rizomáticas de Pandora, O Estrangeiro, Saturno e Prometeu, deparei-me com múltiplos fluxos de tensões, encontros, desencontros, deslocamentos e invenções. Concomitantemente, acompanhei as marcas que se produziam em meu próprio corpo; afinal, essas histórias e seus atravessamentos não passaram sem me afetar. Esse movimento remete à contribuição de Lourau (1993) acerca da análise da implicação, ao nos lembrar que toda pesquisa também fala de quem pesquisa. Por isso, considere interessante encerrar esta caminhada de uma forma singular: por meio de uma auto entrevista. Assim, não deixo conclusões fechadas, mas compartilho pistas produzidas nos encontros que teceram as linhas dessa travessia, e que, talvez, possam abrir novas passagens para aqueles e aquelas que desejarem desenhar outras cartografias acerca da saúde mental na pós-graduação.

8.1 O movimento das linhas e suas ramificações

A Cartógrafa: *Você iniciou essa trajetória apontando um lado da saúde mental que marcou profundamente a sua história de vida: o adoecimento mental. Parece que esse território foi uma mola propulsora para que você realizasse essa pesquisa. Ao chegar ao fim dessa trajetória, de que maneira os fluxos dessa experiência atravessaram você? Que outras entradas e saídas nessa dança entre a vida e a morte você consegue perceber agora?*

O Corpo-Território:

A minha entrada na psicologia, e principalmente a experiência anterior com os atendimentos clínicos, possibilitou-me encarar a saúde mental por meio de outras vias, não somente pelo viés do adoecimento. Encontrar o movimento da dança entre vida e morte em outras histórias marcou-me de um jeito único. Percebi, naquele momento, que ali havia a possibilidade de encarar a vida de outra forma, por meio da ampliação e multiplicação. Isso foi essencial para iniciar essa pesquisa, pois ficou evidente que a saúde mental também abarca outros processos de expansão e produção de vida. Todavia, confesso que as marcações em meu corpo eram tão fortes que, mesmo sabendo racionalmente dessas preposições, em alguns momentos dessa investigação o meu corpo tentava me direcionar para o adoecimento. Só que o mapeamento das redes relacionais se mostrou tão movente que, mesmo querendo captar as linhas de adoecimento nas tramas dos/das estudantes, eu me via caminhando por outros trilhos.

Me recordo da história de Pandora que, a princípio, poderíamos encarar e focar somente na via do esgotamento, mas a sua trama foi mostrando as múltiplas aberturas que ela foi tecendo ao longo de sua trajetória acadêmica. Pandora trouxe-me esperança para continuar com a escrita desta dissertação. Logo com a primeira narrativa, fui atravessada por um processo que parecia expor somente o sofrimento, mas que aos poucos revelou as diversas redes relacionais que teciam a saúde mental. Não foi por acaso que as narrativas se iniciarem com ela: a caixa era a vida de cada um/uma, por isso a trama de vida desses/as estudantes foi tecida por múltiplas conexões que se inter cruzaram, bifurcaram e se refizeram, em um processo contínuo de entradas e saídas.

Ao longo desse percurso, vimos como os territórios existenciais de Pandora foram se rachando e abrindo novas passagens, permitindo que ela tecesse caminhos inéditos, como se surpreender com o desejo de retomar a vida acadêmica com o doutorado. O Estrangeiro

encontrou novas construções que o permitiram se conectar com o calor, algo tão simbólico em sua história. Mas, como ficou evidente, ele também foi atravessado por fissuras em seus chãos, o que a princípio gerou o sofrimento por meio da tristeza e da paralisação, para posteriormente produzir movimentos de invenção, quando ele criou novos ritmos para o seu viver. Saturno, diante do caos instaurado em sua nova realidade, que lhe roubava o tempo, criou uma “melodia” ao construir um território existencial que o ajudou a sustentar o seu viver naquele cenário pontuado por ele como difícil, que envolvia a conciliação das três esferas: vida pessoal, acadêmica e laboral. E, por fim, Prometeu, que diante seu movimento de embate, também pôde encontrar nos laços possibilidade para se sustentar na vida acadêmica, inventando novos contornos para o seu existir na pós-graduação.

Diante das tramas de vida que acompanhamos, percebo que o movimento de vida e morte se entrelaçam continuamente às redes relacionais. E a vida e a morte se produzem nos agenciamentos, nas conexões e encontros que compõem o viver. Essa caminhada nos deixa uma pista importante: a saúde mental dos/as estudantes de pós-graduação se constitui nas múltiplas redes relacionais que atravessam suas vivências, sejam elas institucionais, temporais, geográficas, afetivas ou existenciais. Cada estudante ou cada um de nós, pode inventar novos ritmos em momentos que aparentemente se apresentam marcados pela dor ou sofrimento. As histórias que acompanhamos nos mostraram que não há um único movimento em curso; há movimentos simultâneos. Enquanto um território se desmancha, concomitantemente outro pode estar crescendo. Que possamos lembrar que a vida é como um rizoma: na destituição de um traço, há também passagens para muitas outras linhas e novas produções de mundos.

A Cartógrafa: *Ao cruzar essas quatro histórias, qual foi a grande repetição que insistiu em se fazer ouvir e que se tornou impossível de deixar de dizer?*

O Corpo-Território:

Creio que houve dois pontos que emergiram de tal forma que não havia como não escutar. O primeiro se refere à compreensão de que, quando a vida começa a perder suas zonas de dimensão, estreitando-se a ponto de se reduzir quase que exclusivamente às demandas da pós-graduação, começam a se produzir rachaduras nos territórios existenciais dos/as estudantes. Nesse momento, como vimos, inicia-se a manifestação dos sintomas que,

nessas histórias, apresentaram-se como paralisação, esgotamento, ansiedade, raiva, irritação, tristeza, insegurança e desgaste emocional. Porém, a cartografia nos possibilita encarar essa experiência como movimento, pois entendemos que a sustentação do viver se produz nas múltiplas conexões. A saúde mental é rizomática justamente por isso: pela multiplicidade das conexões que perpassam pelos rompimentos para, concomitantemente, abrir novas passagens. Não se trata de um estado fixo, no qual a saúde mental dos/as estudantes se resumiria ao polo do sofrimento psíquico; trata-se de compreender que esse polo faz parte do movimento. Não há apenas adoecimento, há rede relacional. É uma trama viva que se produz nas múltiplas conexões que ora se rompem, ora se refazem e inter cruzam, em um processo contínuo de diversas entradas e saídas possibilitando novas invenções de mundos.

O segundo ponto que se fez ouvir foram os silêncios que se presentificaram em todas as entrevistas, inclusive naquelas que não foram analisadas. Havia uma certa cautela por parte de todos/as estudantes ao narrar suas histórias de vida. Em diversos momentos, durante as falas, surgia um deslocamento, um cuidado para contar sobre as suas tramas existenciais. Parecia haver um limite pelo qual os estudantes se sentiam à vontade para falar; esse silêncio era perceptível. Não captei esse movimento como resistência à pesquisa, mas ele me permitiu refletir sobre como esse cuidado ao se expor pode dizer do próprio cenário acadêmico. Parecia uma forma de se protegerem das possíveis consequências de se exporem em uma pesquisa que buscava investigar a saúde mental na pós-graduação, contexto no qual todos/as ainda estavam inseridos. E, como vimos, a saúde mental apresentou-se como rede rizomática; logo, tratava-se da própria vida de cada estudante. Assim, ao exporem sobre sua saúde mental, eles/as narravam todas as redes relacionais que compunham sua existência, as quais abarcavam desde a vivência na pós-graduação até as experiências pessoais. Isso me faz pensar que, naquele espaço, os estudantes estavam mostrando suas diversas versões ao mundo, o que pode acarretar receios por medo de julgamento ou pelo anseio em terem algum prejuízo.

Interessante notar que há mais uma conexão possível entre esses silêncios: os laços construídos ao longo da vivência acadêmica. Em todas as narrativas acompanhadas, as amigas mostraram-se cruciais. Se, nas entrevistas, houve essa manifestação de cautela diante a exposição de si, as amigas, os encontros, os espaços de trocas e acolhimentos parecem ter operado como pontos centrais, nos quais essa vigilância cedia. Nesses espaços, os/as estudantes demonstraram ter encontrado possibilidades para existir; ali, podiam compartilhar medos, inseguranças, sofrimentos, e situações que, ao serem partilhadas e

receberem acolhimento, encontravam aberturas para o enfrentamento. Os laços pareciam não apenas auxiliar os/as estudantes no enfrentamento dos desafios da pós-graduação, mas também abrir novos movimentos e novas construções, criando condições para que a vida pudesse ser compartilhada, sustentada e reinventada continuamente no encontro com o outro.

8.2 Pistas em construção

A Cartógrafa: *Se a saúde mental é uma rede rizomática feita de múltiplos movimentos da vida, que pistas ou aberturas você deixa para aqueles e aquelas que continuam a habitar ou que ainda vão chegar à pós-graduação?*

O Corpo-Território:

Penso que, talvez, a principal pista que encontrei nessa jornada seja a compreensão de que a saúde mental na pós-graduação não deve ser reduzida a um estado fixo, a uma característica individual e, muito menos, ao adoecimento mental. Acompanhar as histórias de Pandora, O Estrangeiro, Saturno e Prometeu me mostrou que a saúde mental se produz nas redes relacionais, nos encontros, nos desencontros, nas tensões e nas múltiplas relações que compõem a existência de cada um/uma. A saúde mental se produz tanto nas redes que sustentam a vida quanto nos momentos em que essas começam a se rachar; por isso, ela também é movimento.

Pensar a saúde mental na pós-graduação a partir dessa caminhada me mostrou que sustentar a vida nesse contexto exige a criação de espaços que possam fugir da lógica produtivista, ainda que de forma mínima. Foi justamente nos espaços de encontro e escuta que Pandora, O Estrangeiro, Saturno e Prometeu encontraram acolhimento para narrar suas dificuldades, inseguranças, conflitos e seus desejos. Nessas trocas, houve aberturas e a possibilidade de novas invenções que os auxiliaram a sustentar a existência nesse processo. Assim, para além da criação de novas políticas e intervenções institucionais voltadas à saúde mental, talvez seja importante criar condições para que esses encontros e trocas ocorram, possibilitando a circulação da palavra e a construção de redes de apoio. Talvez seja justamente nesses momentos que escapam às demandas acadêmicas que se abram brechas para que outros modos de viver a pós-graduação emergjam.

A partir dessa jornada, também me ocorreu que, talvez, a questão não seja buscar formas de vivenciar a pós-graduação sem sofrimento, mas encontrar modos de existir diante dos momentos em que o viver se estreita. As histórias nos mostraram que, em algum momento, a vida pode ser quase inteiramente capturada pelas exigências acadêmicas. Contudo, também nos mostraram que, mesmo em meio as capturas, permanecem existindo brechas que possibilitam novas tessituras. Algumas reflexões seguem ecoando e podem nos servir para construção de novas pistas: quais são os refrões que estamos produzindo no cotidiano acadêmico? Quais são os encontros, as práticas e as relações que nos auxiliam a sustentar a vida quando ela é capturada por alguma instância? No ambiente acadêmico, estamos produzindo meios que permitam a abertura de circulação ou apenas reforçando a captura? Quais mundos estamos possibilitando existir dentro da pós-graduação? Como acolhemos aqueles e aquelas que chegam de terras estrangeiras? E, por fim, quais mundos, vozes e histórias estamos ajudando a emergir, e quais mesmo sem perceber, estamos ajudando a silenciar?

Essas reflexões emergem como possibilidade de novas construções, pois, ao longo dessa caminhada, não encontrei respostas prontas ou verdades absolutas. Encontrei movimentos e linhas que se inter cruzam, encontram-se, desmancham-se e se transformam continuamente. Por isso, as pistas aqui traçadas não possuem a pretensão de encerrar a discussão, mas de abrir novas frestas para que possamos tecer novos ritmos. Essa jornada termina nessas páginas, mas as vidas que acompanhamos continuam em movimento. Que essas pistas possam deixar aberturas, lembrando-nos de que compreender a saúde mental como rede rizomática não significa reduzi-lá as tramas aqui desenhadas. Pelo contrário: significa reconhecer que a cada novo cenário, contexto histórico e político, outras composições são possíveis, produzindo novos existires. Dessa forma, os fluxos que acompanhamos não se encerram nessas últimas linhas; eles continuam se expandindo, deslocando-se, criando novas conexões e abrindo passagens para novas invenções de mundos.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Vírnia Ponte; VIEIRA, Camilla Araújo Lopes; ALVES, Samara Vasconcelos. Perspectivas acerca do conceito de saúde mental: análise das produções científicas brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 351-361, jan. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2022.v27n1/351-361/pt/>. Acesso em: 6 abr. 2023.

AMORIM, Grazielle Corrêa; SIMONINI, Eduardo. Narrativa, cinema e realidade: a ousadia de pensar-estranhar outros mundos. In: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (Orgs). **Currículo e estética da arte de educar**. Curitiba : CRV, 2021.

BARBOSA, Janine Pacheco Moreira.; et al. Olhares Rizomáticos Sobre a Saúde Coletiva: desejos e rupturas. In: COQUEIRO, Jandesson Mendes; FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de (Orgs). **Risoma II Saúde Coletiva e Instituições**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

BARROS, Regina Benevides; PASSOS, Eduardo. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: _____. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BARROS, Leonardo de Oliveira; AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo; BAPTISTA, Makilim Nunes. Sintomatologia depressiva em estudantes brasileiros de pós-graduação stricto sensu. **Psico**, v. 52, n. 4, p. e36161, 31 dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/36161>. Acesso em: 03 abr. 2023.

BERNARDES, Julia Braconi; ANGELI, Olga Aparecida. Concepções e práticas em saúde mental na atualidade: perspectivas de psicólogos orientados pela psicanálise. **Psicologia Revista**, v. 33, n. 1, p. 128-150, 23 ago. 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/61521>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BERNARDES, Rosvita Kolb; PEREIRA, Ana Cristina Carvalho. Fronteira entre a memória e o esquecimento: possibilidade de abertura para imaginação. In: **Criadores Sobre Outras Obras-Congresso CSO**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/bb96e7bd-f24f-447d-8fbc-96a1aaf2c8b4>. Acesso em: 12 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Política nacional de promoção da saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. –Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Lei nº 14.818, de 16 de janeiro de 2024. **Institui o Programa Pé-de-Meia**. Brasília, DF: Presidência da República, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/114818.htm. Acesso em: 15 jun. 2026.

BRITO, Maria Remédios. Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de Subjetividade Desterritorializada. **Alegrar**, Curitiba, n.09, p.1-27, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/4oU6YGb>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARVALHO, Maria de Nasaré Rodrigues Loureiro de. **Cartografando a rede saúde mental na produção do cuidado: cartografia da rede em saúde mental do município de Niterói**. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/8949>. Acesso em: 07 nov. 2023.

CASTRO, Vinícius Rennó. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista gestão em foco**, ed. 9, p. 380-401, 2017. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/043_saude_mental.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COSTA, Everton Garcia da; NEBEL, Leticia. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis**, Santiago, v. 17, n. 50, p. 207-227, 2018. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682018000200207&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2025.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, p. 185-195, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rfe/a/ZjJLFw9jhWp6WNhZcgQpwJn/?lang>. Acesso em: 14 mar. 2025.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do Trabalho**: estudo sobre a psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed. 34, v. 1, 1995.

———. Ano Zero Rostidade. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia, v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

———. Acerca do ritornelo. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia, v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. O. Abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista em vídeo. França, 1988.

FILHO, Naomar de Almeida; COELHO, Maria Thereza Ávila; PERES, Maria Fernanda Tourinho. O conceito de saúde mental. **Revista Usp**, n. 43, p. 100-125, 30 nov. 1999. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/28481>. Acesso em: 6 abr. 2023.

GALDINO, Maria José Quina; et al. Qualidade de vida de estudantes de mestrado e doutorado em enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 20, p. v20a41, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/50673>. Acesso em: 14 fev. 2025.

GUATTARI, Félix. **O inconsciente maquínico**: ensaios de Esquizo-análise. Campinas/SP: Papirus, 1988.

———. **Caosmose**: Um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

———. **Psicanálise e transversalidade**: ensaios de análise institucional. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, Niterói, v. 4, n. 7, 2002. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/74/72>. Acesso em: 10 nov. 2025.

HUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

IONTA, Marilda Aparecida. **As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2004. Disponível em: https://www.historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/marilda/IONTA_Marilda-tese.pdf. Acesso em: 27 mar. 2026.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálisis**, v. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvvhc8RR/> Acesso em: 10 nov. 2024.

LOIOLA, Elissandra Ferreira; et al. Transtornos Mentais Evidentes no Sexo Feminino. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**, v. 15, n. 3, p. 72-76, 2020. Disponível em: <https://revista.fmc.br/ojs/index.php/RCFMC/article/view/369/236>. Acesso em: 6 nov. 2024.

LOURAU, René. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: NAPE/UERJ, 1993.

———. **Analista Institucional em Tempo Integral**. In: ALTOÉ; Sônia (Org.). Objeto e método da análise institucional. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 66-85.

LOPES, Eduardo Simonini. **Entre o eu e o outro**: espaço sem territórios. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

———. **Praticantes de mundos**: a invenção de cotidianos discentes em uma universidade. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/10321>. Acesso em: 07 fev. 2025.

LUZ, Ana Rosa Lessa. **Entre música e filosofia**: o conceito de ritornelo a partir do diálogo entre Deleuze, Guattari e as canções de Chico Buarque. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/23693>. Acesso em: 06 abr. 2026.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. In: MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINES, Wânia Regina Veiga; MACHADO, Ana Lúcia; COLVERO, Luciana de Almeida. A cartografia como inovação metodológica na pesquisa em saúde. **Tempus–Actas de Saúde Coletiva**, v. 7, n. 2, pág. 203-211, 25 set. 2013. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1354>. Acesso em: 03 ago. 2024.

MELLO, Dilma. Etnografia, Pesquisa-narrativa e Fenomenologia: entendendo espaços de fronteiras entre três caminhos de pesquisa. In: CORDEIRO, Rosine; KIND, Luciana (Orgs). **Narrativas, Gênero e Política**. 1. Ed. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 17-47.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In: _____. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, p. 21-23, 58, 2011.

MIRANDA, Sérgio Vinícius Cardoso de; et al. Cartografia das condições de trabalho de homens quilombolas e as intersecções para a informalidade e a saúde mental. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, p. e200478, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/nHhHdFqmp5KBHJZyqHCHJ9h/>. Acesso em: 03 ago. 2024.

NASCIMENTO, Patrícia Chaves do. **Narrativas Posithivas**: Vulnerabilidades de mulheres ao HIV/Aids em relações heterossexuais de conjugalidade. 2016. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Psicologia) — Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo

Horizonte, 2016. Disponível em:

https://bib.pucminas.br/teses/Psicologia_NascimentoPC_1.pdf. Acesso em: 03 abr. 2023.

OMS - Organização Mundial da saúde. A Carta de Ottawa para a promoção da saúde. In: **Organización pan-americana de la Salud**. Promoción de la salud: una antología. Publicación científica n. 557 – Washington DC. Estados Unidos da América. OPAS, 1996, p. 367-372.

PASSOS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PENHA, Joaquim Rangel Lucio; OLIVEIRA, Cleide Correia; MENDES, Ana Virginia Silva. Saúde mental do estudante universitário: revisão integrativa. **Journal Health NPEPS**, v. 5, n. 1, p. 369-395, 2020. Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1100366>. Acesso em: 8 nov. 2024.

REZENDE, Marise Santana de; et al. Stress e desempenho acadêmico na pós-graduação stricto sensu em ciências contábeis no Brasil. **Education Policy Analysis Archives**, v. 25, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2750/275050047072.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.

RIBEIRO, Neurilene Martins; SOUZA, Elizeu Clementino. As cartas e as histórias de vida: dilemas e aprendizagens da docência na língua portuguesa. In: Inês Barbosa de Oliveira (Org). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & sociedade**, v. 21, p. 166-173, ago. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/zdCCTKbXYhjdVYL4VS8cXWh/?lang=pt&format=html>.

Acesso em: 03 nov. 2024.

SANTOS, Anelise Schaurich; PERRONE, Cláudia Maria; DIAS, Ana Cristina Garcia. Adaptação à pós-graduação stricto sensu: uma revisão sistemática de literatura. **Psico-USF**, v. 20, p. 141-152, abr. 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psuf/a/Xwwrt737WYsRk6Mb3qpC7Yc/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

SILVA, Michel. Capitalismo, pós-graduação e adoecimento mental. **Metodologias e Aprendizado**, v. 5, p. 1-14, 2022. Disponível em:

<https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/2378>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SIMONINI, Eduardo. “Por que você tem vontade de viver?” Prevenção de doença, promoção de saúde e intersectorialidade em uma universidade. In: ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. (Org.). **A intersectorialidade e seus desafios**. Curitiba: CRV, 2018, p. 97-113.

SIMONINI, Eduardo. Linhas, tramas, cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

SIMONINI, Eduardo; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Transversalidade e esquizoanálise. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 3, p. 915-929, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/18536>. Acesso em: 19 jan. 2026.

———. **Máquina e realidade**: cibernética, autopoiese e produção de subjetividade em félix guattari. *Psicologia em Estudo*, v. 24, 2019.

SIMONINI, Eduardo. Currículo e Devir. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; RANGEL, Iguatemi Santos; CARVALHO, Janete Magalhães; NUNES, Kezia Rodrigues (Orgs.). **Diferentes perspectivas de currículo na atualidade**. Rio de Janeiro: DPetAlí, 2015, p. 63-78.

SUDO, Mégui Mascarelo; IRALA, Valesca. Perspectivas teóricas e metodológicas em pesquisas empíricas sobre bem-estar e florescimento: uma revisão de escopo. **Revista Pedagógica**, v. 25, p. 1-26, 2023. Disponível em: <https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7491>. Acesso em: 12 fev. 2025.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 25, p. 299-322, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/ZHyYWDpHhdhFg4RK9ggfPpD/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Edital dos processos seletivos para os cursos regulares de mestrado e de doutorado em administração – 1º semestre/2025**. Programa de Pós- Graduação em Administração (Mestrado/Doutorado). Viçosa – MG, 2025. Disponível em: <https://posadministracao.ufv.br/futuro-estudante/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Comprehensive Mental Health Action Plan**. Genebra: OMS, 2021. Disponível em:

<https://www.who.int/publications/i/item/9789240031029>. Acesso em: 16 mai. 2024.

ANEXOS

ANEXO A: QUESTIONÁRIO

Questionário para a pesquisa intitulada “**Saúde mental como rizoma: tramas de vida de estudantes pós-graduandas/os na universidade federal de viçosa**”

INSTRUÇÕES

A participação é **voluntária**, você pode desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo;

Os dados pessoais (como nome e formas de contato) serão utilizados **exclusivamente** para possibilitar o agendamento das entrevistas posteriormente;

As respostas são **confidenciais**, não serão divulgadas de forma individual; apenas os resultados gerais da pesquisa poderão ser apresentados em trabalhos acadêmicos;

Os dados serão utilizados **exclusivamente para fins acadêmicos e científicos**;

Seu nome **não será identificado** em nenhuma publicação resultante desta pesquisa. Em futuras divulgações dos resultados (dissertação, apresentações em congressos, artigos, entre outros), os nomes das/os participantes serão **substituídos por pseudônimos**, garantindo a preservação da identidade.

Os resultados da pesquisa estarão **à disposição das/os participantes** tanto durante o processo investigativo quanto após a finalização da pesquisa.

1. Informações Pessoais:

Nome: _____

Data de nascimento: _____

Gênero: () Feminino () Masculino () Outro () Prefiro não dizer

Orientação Sexual: () Heterossexual () Homossexual () Bissexual () Outro () Assexual
() Prefiro não dizer

Cor/Raça: () Preto(a) () Branco(a) () Pardo(a) () Indígena () Outro

Curso de Pós-Graduação: _____

Contato telefônico: _____

Email: _____

2. Como você descreveria o conceito de saúde mental?

3. Como você descreveria a sua saúde mental no atual momento?

4. Você acha que as suas relações interpessoais afetam a sua saúde mental? Caso a resposta seja sim, como?

ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você, como discente do Programa de Pós-Graduação em Administração, está sendo convidado/a, como voluntário/a, a participar da pesquisa “**SAÚDE MENTAL COMO RIZOMA: TRAMAS DE VIDA DE ESTUDANTES PÓS GRADUANDAS/OS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**”. Esta pretende investigar como estudantes constroem suas maneiras de construir sua experiência de saúde mental na interface entre sua vida pessoal e sua vida universitária. A pesquisadora realizará uma entrevista que durará entre uma hora e uma hora e meia e tal **entrevista será gravada. A referida gravação será guardada em sigilo pelo pesquisador principal e não será divulgada em qualquer mídia social**. Sua participação na pesquisa, contudo, é opcional. Riscos da pesquisa: Toda pesquisa com seres humanos envolve algum tipo de risco, e, em uma pesquisa participante, o principal risco é o de os sujeitos pesquisados virem a se sentir, de alguma forma, constrangidos diante a alguma questão posta ou relato desenvolvido. Para minimizar tais riscos, será garantida a você plena liberdade para se recusar a participar em qualquer fase da pesquisa, ou desistir de participar na totalidade da mesma, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em continuar colaborando com a pesquisa não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em a pesquisadora irá atendê-lo/a. A fim de igualmente preservar você de qualquer constrangimento, seu nome não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar da presente investigação. Da mesma maneira, em futuras divulgações dos resultados desta pesquisa (seja em forma de apresentação em congressos, ou em forma de artigos) os nomes de todas as pessoas citadas serão ocultados em diferentes pseudônimos a fim de preservar a identidade das mesmas. Os resultados da pesquisa estarão à disposição dos pesquisados tanto durante a dinâmica da investigação quanto também quando a pesquisa for finalizada. Em termos de benefícios, a pesquisa possui como benefício direto o fomento de informações sobre a saúde mental no ambiente universitário, em especial no cenário de um programa de pós-graduação. Assim, poderá vir a favorecer a construção de futuros projetos de intervenção nas práticas de favorecimento da saúde mental por parte da instituição universitária. Sua participação nesta

pesquisa não está sujeita a remuneração e eventuais custos decorrentes do processo investigativo serão de responsabilidade do pesquisador. Igualmente é importante ressaltar que caso você venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, terá direito à indenização por parte do pesquisador, do patrocinador e instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa. Este termo de consentimento possui duas vias que devem ser assinadas por você e pelo pesquisador principal. Uma das vias ficará em sua posse e a outra será guardada pelo pesquisador principal. Você também poderá ter acesso ao documento em posse do pesquisador principal sempre que desejar, bastando entrar em contato por e-mail ou telefone com o pesquisador principal. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos. Caso queira entrar em contato com os pesquisadores responsáveis pela pesquisa, poderá fazê-lo pelo telefone (31) 999651487 ou pelo seguinte e-mail: simonini@ufv.br. Qualquer dúvida a respeito de procedimentos éticos, poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, pelo telefone (31) 3612-2316 ou pelo e-mail: cep@ufv.br.

Atesto que fui informada/o dos objetivos da pesquisa **“SAÚDE MENTAL COMO RIZOMA: TRAMAS DE VIDA DE ESTUDANTES PÓS GRADUANDAS/OS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA”** de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que, de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro, assim, que concordo em participar da pesquisa e que recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas. Concordo expressamente com a gravação de imagens, voz ou fotografias e com os termos de guarda, sabendo que poderei solicitar o arquivo aos pesquisadores sempre que desejar.

Viçosa, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do/a Participante (física ou digital)

Assinatura do/a Pesquisador/a (física ou digital)

Nome do Pesquisador Responsável: Eduardo Simonini Lopes

Telefone: (31) 999651487

E-mail: simonini@ufv.br

Endereço pessoal do pesquisador principal: Avenida Bernardes Filho, 492 – Bairro de Lourdes – CEP: 36572-016 – Viçosa/MG

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31) 3612-2316.

Email: cep@ufv.br